



CADERNO DE METODOLOGIAS INSPIRAÇÕES E EXPERIMENTAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO

Colheita
e Organização:

André Biazoti,
Natália Almeida
e Patricia Tavares



associação brasileira de
agroecologia





CADERNO DE METODOLOGIAS INSPIRAÇÕES E EXPERIMENTAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO

Colheita
e Organização:

André Biazoti,
Natália Almeida
e Patricia Tavares

coordenação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE VIÇOSA



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO

Embrapa

Agrobiologia

parceiros



e todos os NEAs
e RNEAs do Brasil

financiamento



SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CADERNO DE
METODOLOGIAS
INSPIRAÇÕES
E EXPERIMENTAÇÕES
NA CONSTRUÇÃO
DO CONHECIMENTO
AGROECOLÓGICO


Realização: ABA


Coordenação: UFV, Embrapa, UFRPE


Parceiros: Mídia Crioula e todos os NEAs e RNEAs do Brasil

Financiamento: MDA, SEAD, CNPq

Projeto “Sistematização de experiências, construção e socialização de conhecimentos: o protagonismo dos Núcleos e Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia das universidades públicas brasileiras” CNPq 401840 (2015-2017)

 Blog Contando Histórias

 fb.com/sistematizacaodeexperiencias

 ABA Agroecologia

 aba-agroecologia.org.br

SUMÁRIO

09	Prefácio
09	Agroecologia é um aprendizado infinito
13	Sejam Bem Vind@s
13	Como o caderno está organizado?
15	Princípios
15	Círculo de Cultura
17	Comunicação Popular
21	Processos e Cuidados
21	Preparação
23	Chegada
25	Mesa da Partilha
27s	Resíduos
29a	Relatoria
31	Acordos Coletivos
33	Metodologias Chave da sistematização de experiências
35	Rio do Tempo
37	Mate com Prosa
39	Análise Conjunta de Conjuntura
41	Matriz de Sistematização
43	Contaço de Histórias
45	Tatu Sonhadora
47	Texto Coletivo
49	Facilitação Gráfica
51	Inspirações do movimento agroecológico
53	Instalações Artístico Pedagógicas
57	Caravanas Agroecológicas e Culturais
61	Momentos
63	Espaço Educador
65	Espelho da Alma
67	Apresentação por objetos
69	Biodiversidade se Mantém em Pé
71	Bola
73	Dança Circular
75	Alongamento
77	Que bom, Que pena e Que tal
79	Cabeça, Coração, Mãos e Pés
81	Barquinhos
83	Posfácio:
83	Sistematizar é mergulhar em rios de histórias
84	Agradecimentos

A Equipe de Sistematização de Experiências estimula a livre circulação do conteúdo aqui publicado. Sempre que necessária a reprodução total ou parcial do material, solicitamos que “Caderno de Metodologias/ABA-Agroecologia” seja citada como fonte.



Foi concebido e coordenado por:

Revisão e elaboração dos textos

Patrícia Dias Tavares, Natália Almeida Souza e André Biazoti (Coletivo de Comunicação Mídia Crioula)

Animação do processo de criação

Natália Almeida Souza

A partir de um bonito mutirão de escrita e sistematização realizado por:

Textos das Fichas

André Biazoti
Larissa Cabral
Luisa Melgaço
Luiza Damigo
Muriel Duarte
Natália Almeida Souza
Patricia Dias Tavares
Paquê Viola
Rafaela Dornelas Silva
Rodrigo de Avelar Machado

Virando arte das mãos de:

Projeto Gráfico e animação do processo de ilustração

Bernardo Amaral Vaz

Ilustrações

Muriel Duarte

Diagramação

Alberto Saulo

Equipe do Projeto de

Sistematização de Experiências

Coordenação Geral

Irene Maria Cardoso (UFV/ABA-Agroecologia)
Cristhiane Amâncio (Embrapa Agrobiologia/ABA-Agroecologia)
Maria Virgínia Aguiar (UFPE/ABA-Agroecologia)

Equipe do Projeto de Sistematização

Yolanda Maulaz
Luisa Melgaço
Luiza Damigo
Natália Almeida Souza
Rodrigo Avelar Machado

Tiragem: 100 exemplares

Financiamento: MDA-CNPq Encomenda 401840/2014-0

C121
2017

Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico / André Biazoti, Natália Almeida, Patrícia Tavares (organização) - 1. Ed. - Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2017.

84 p.: il. color.

ISBN 978-85-94436-01-6

1. Agroecologia 2. Ecologia agrária 3. Metodologias 4. Experiências I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDU: 631.95

” (...) Sobre a sistematização de experiências concluímos que devemos ser coerentes com seu sentido de fundo: não se trata tanto de olhar para trás, para nos apropriarmos do ocorrido no passado, mas, principalmente, para retirar da experiência vivida os elementos críticos que nos permitam dirigir melhor nossa ação para fazê-la transformadora, tanto da realidade que nos rodeia, como de nós mesmos como pessoas.

Isto é: sistematizar as experiências para construir novos saberes, sensibilidades e capacidades, que nos permita apropriarmos-nos do futuro”

Oscar Jara (2013)

“AGROECOLOGIA É UM APRENDIZADO INFINITO”

OS NÚCLEOS DE AGROECOLOGIA NO BRASIL

No Brasil, experiências agroecológicas em curso em todo o país são cotidianamente protagonizadas por agricultores e agricultoras familiares, povos e comunidades tradicionais. Estas experiências, ajustadas a variados contextos socioambientais e distintos processos sócio biodiversos, demonstram a possibilidade da produção de base ecológica, em contraposição ao ordenamento social e econômico excludente que prevalece no meio rural. Estas experiências quase sempre estão articuladas em rede.

Desta rede participam um número expressivo de pessoas, dentre elas profissionais atuantes em instituições científico-acadêmicas nos núcleos e redes de núcleos de estudo em agroecologia (NEAs e R-NEAs). Os NEAs são inovações recente das instituições brasileiras e tem seus lastros nos grupos de agricultura alternativa formados nas universidades brasileiras na década de 1980. Eles são formados e coordenados por profissionais das instituições científico-acadêmicas, como as universidades públicas, institutos federais de ensino superior e empresas públicas de pesquisa, federal ou estaduais.

Os NEAs foram fomentados por meio de chamadas públicas lançadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com aporte financeiro dos ministérios envolvidos com o tema. A partir da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, por intermédio de sua Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Cnapo), os NEAs passaram a ter mais visibilidade e mais apoio.

Até então, 282 projetos de NEAs foram apoiados financeiramente e há previsão de apoio para mais 130 projetos. A estimativa é que existem no Brasil aproximadamente 150 Núcleos de Agroecologia e cinco Rede de Núcleos (um por região brasileira), que envolvem mais de 60 mil pessoas. Ao longo do tempo, os NEAs procuram garantir espaços de diálogo e o exercício da indissociabilidade entre pesquisa-ensino-extensão, em constante e permanente interação com a sociedade. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão relaciona-se às práticas das universidades brasileiras e é um princípio orientador da qualidade da produção universitária. Compreende-se que as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas a processos de formação das pessoas (processos educativos) e de geração de conhecimento. A partir do princípio da indissociabilidade, obrigação institucional pouco praticada pelas instituições científico-acadêmicas, os NEAs esforçam-se em articular a produção de novos saberes, a intervenção nos processos sociais e a ação educativa para formar cidadãos e profissionais.



As relações entre o ensino, pesquisa e extensão possibilitam ainda múltiplas oportunidades de articulação entre as instituições científico-acadêmicas e a sociedade. As comunidades e seus territórios deixam de ser meros receptáculos de conhecimentos produzidos “ex-situ” e passam a fazer parte do processo de geração do conhecimento científico. Com isto, é possível articular a agroecologia em suas dimensões práticas e científicas, que em rede e em movimento buscam as transformações necessárias na sociedade para fortalecer a agroecologia.

As estratégias conjuntas de construção de conhecimentos agroecológicos demandam um aporte metodológico que enfatize a participação de todos. Os NEAs procuram exercitar tais procedimentos metodológicos e fazer avançar a construção de conhecimentos agroecológicos demandados pelos territórios em que atuam. Nesse processo, ambientes de aprendizagem são possíveis e oportunizam novas configurações de ensino-aprendizagem em agroecologia. Estes ambientes são construídos a partir de diferentes formatos metodológicos, da diversidade dos autores e da troca de saberes. Para isto, recorrem às parcerias com organizações sociais, instituições públicas e privadas e comunidades para levar a cabo processos científicos-acadêmicos e tecnológicos com profundos lastros sociais.

De uma forma geral, pode se afirmar que os NEAs utilizam em suas ações metodologias que trazem como prerrogativa a participação dos sujeitos na construção do conhecimento. Entre as principais ações dos NEAs encontram-se as feiras, as visitas às experiências, as excursões, as semanas acadêmicas, os seminários, os intercâmbios e as caravanas culturais e agroecológicas. As preocupações com os processos comunicativos mereceram destaque nas ações dos NEAs. Eles utilizam folders, páginas no facebook, blogs, sites das universidades e a produção de vídeos. Há mais de 200 mídias instaladas para fortalecer os processos de comunicação.

As ações dos NEAs são, então, realizadas utilizando metodologias participativas que favorecem a indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão, o que possibilita o fortalecimento da agroecologia em suas dimensões enquanto prática, movimento e ciência. Isto porque as metodologias favorecem a criação de ambientes de aprendizados mútuos, os quais favorecem os diálogos de saberes e permitem construir relações para além da intervenção técnico produtiva nos agroecossistemas, o que significa romper com a extensão de mão única, onde o técnico e/ou o acadêmico são os detentores de saberes.

Os resultados também indicam que estes ambientes favoreceram o desenvolvimento de pesquisas com os aprofundamentos necessários para avançar com a experiência. Ainda que outras análises sejam necessárias para aprofundar o debate, já é possível afirmar que os NEAs têm cumprido o papel de fortalecer a construção do conhecimento em agroecologia e de estimular arranjos que contribuem com a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão. Os NEAs apostam na formação continuada dos sujeitos a partir da interação com as mais distintas realidades, haja visto a diversidade de territórios e de comunidades de atuação dos núcleos. **Esta formação continuada é necessária, pois, como alertou um agricultor de Araponga (MG), a agroecologia é um aprendizado infinito.**

Os NEAs estão se tornando pontos aglutinadores de formação, de pesquisas, e ações em agroecologia que possibilitam integrar conhecimentos e processos metodológicos capazes de aproximar os diferentes conhecimentos técnicos-acadêmicos com a diversidade de saberes tradicionais, enfatizando a participação e a construção conjunta de ações. As questões de gênero, geração, étnico-raciais e opções sexuais estão presentes nas ações e reflexões de muitos núcleos, mas precisam de maiores cuidados e aprofundamentos.

Há, contudo, de se indicar, que estes são processos iniciais e que precisam ser fortalecidos por políticas públicas, atualmente ameaçadas, para que resultados mais efetivos sejam alcançados e agroecossistemas mais saudáveis sejam desenvolvidos.

Irene Maria Cardoso

Educadora na UFV

Presidente da ABA-Agroecologia (2014-2017)

Coordenadora do Projeto de Sistematização de Experiências



SEJA BEM VIND@!

Pode chegar mais perto! Pegue um mate quente e mergulhe no mar de possibilidades que apresentaremos aqui. Chegue com vontade, pois aqui estão guardadas algumas ferramentas poderosas para construir processos participativos de sistematização de experiências e tantas coisas mais. O caderno foi feito com muito carinho por quem vive na prática a educação popular e libertária e é destinado a você que também acredita que a educação pode construir um mundo melhor, mais justo e igualitário para todas e todas que vivem nele.

Acreditamos que a mudança é urgente e que passa por uma transformação profunda de nós mesmos, os sujeitos de transformação das nossas realidades. O corpo todo tem que estar envolvido e todos os saberes dos povos devem ser valorizados se queremos construir uma sociedade inclusiva e diversa.

Para isso, organizamos este caderno para que ele atenda as demandas de educadoras e educadores populares por metodologias práticas inspiradas nas práticas de movimentos sociais, povos tradicionais, pesquisadores, gente do povo e acadêmicos. Pegue uma almofada e se aconchegue mais perto de nós para mostrarmos o que vem pela frente.



O CADERNO DE METODOLOGIAS E
CADA UMA DESSAS FICHAS, ESTÃO
DISPONÍVEIS PARA USO E IMPRESSÃO
NO SITE DA ABA-AGROECOLOGIA



Primeiramente, você sabe o quê!

Em segundo lugar, apresentamos alguns princípios que devem guiar (como diria o escritor argentino Julio Cortázar para evidenciar o protagonismo dos países do Hemisfério Sul na construção de sua soberania) todo o trabalho dos educadores e educadoras durante o processo de sistematização. Os Círculos de Cultura, metodologias fundamentais da pedagogia de Paulo Freire, são o eixo central para facilitar e possibilitar as conversas onde todos são incluídos e todas as vozes devem ecoar da mesma maneira. Como trabalhamos com pessoas e relações, apresentamos diversos cuidados para garantir o bem estar de todo mundo ao longo do processo. Podem parecer sutilezas, mas são esses cuidados que garantem um espaço de confiança potente para que todos se expressem e expressem o melhor de cada um.

A seguir, vêm as metodologias, as sementes preciosas deste humilde caderno. Listamos aqui as principais metodologias utilizadas ao longo do projeto “Sistematização de Experiências dos Núcleos de Agroecologia” animado pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA). Essas diversas atividades nos ajudaram a apreender histórias, cheiros e aprendizados, assim como construir o conhecimento coletivo dos núcleos espalhados por todo o Brasil.

As chaves da sistematização de experiências abrem os caminhos para uma intensa jornada de reconhecimento da história vivida, esse rio caudaloso de experiências e vivências únicas. O encontro entre a Agroecologia e a Sistematização de Experiências traz ainda importantes inspirações no Movimento Agroecológico que nos convidam a percorrer os territórios, sentir os sabores das roças da agricultura camponesa, dançar o jongo nas noites estreladas dos quilombos e recontar o que vivemos para quem não pôde participar.

Para manter o corpo e a mente saudáveis, recomendamos também atividades para esticarmos os músculos, brincar, para nos conhecermos melhor e para avaliar os espaços educadores que foram criados. Por fim, relatamos a vocês um pouco dessa arte invisível de tecer os nós entre as metodologias para que elas criem vida e engajem os participantes em um processo autogestionado de construir o aprendizado coletivo.

Esperamos que sua leitura seja prazerosa e que sua potência se fortaleça ao longo das páginas. Que o caderno seja seu companheiro de vivências e práticas educadoras e que ajude a possibilitar a construção de territórios sustentáveis seja onde estiver.

CÍRCULO DE CULTURA: PRINCÍPIOS DA PRÁTICA EDUCADORA POPULAR

Fragmentos do Texto de Carlos Rodrigues Brandão - Círculos de Cultura. em DANILO R Streck, D. R.; Redin, E. e Zitkoski, J. J. Dicionário Paulo Freire, 2008.

O círculo é o símbolo mais adequado às lembranças de experiências de cultura e educação popular realizados no Brasil e na América Latina a partir dos anos 1960. Entre o final dos anos 1950 e o começo dos anos 1960, surgem várias frentes e difundem-se por todo o mundo diferentes experiências de “trabalhos com grupos”, de “educação centrada no aluno”, de projetos de pesquisa e ação social com um forte acento sobre a participação consciente, co-responsável e ativamente voluntária. Assumindo as mais diversas formas e servindo a projetos sociopolíticos e culturais diferentes, essas experiências guardam em comum um desejo de dissolução dos modelos hierarquizados antecedentes e de democratização da palavra, da ação e da gestão coletivizada e consensual do poder. O trabalho em equipe, o diálogo com a criação de consensos entre iguais e diferentes e o círculo de cultura não são criações de Paulo Freire, dos movimentos de cultura popular e nem de outros grupos semelhantes da década dos sessenta. Mas foi nessa época, e associados a experiências de cultura popular, que eles se difundiram e tornaram uma nova forma e norma de trabalho coletivo.

O círculo de cultura dispõe as pessoas ao redor de uma “roda de pessoas”, em que visivelmente ninguém ocupa um lugar proeminente. O professor que ensina quem não-sabe e aprende aparece como monitor, o coordenador de um diálogo entre pessoas a quem se propõem a construir juntas o saber solidário a partir do qual cada um ensina-e-aprende. Era ponto de partida a ideia de que

apenas uma pedagogia centrada na igualdade de participações livres e autônomas, seria possível formar sujeitos igualmente autônomos, críticos, criativos, conscientes e solidariamente dispostos a três eixos de transformações: a de si mesmo como uma pessoa entre as outras; a das relações interativas em e entre grupos de pessoas empenhadas em uma ação social de cunho emancipatoriamente político; a das estruturas da vida social.

No círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a “dizer a sua palavra”.

Desta maneira podem ser sintetizados os fundamentos do círculo de cultura.

- 1 Cada pessoa é uma fonte original e única de um saber, e qualquer que seja a qualidade deste saber, ele possui um valor em si por representar a representação de uma experiência individual de vida e de partilha na vida social.
- 2 Assim também cada cultura representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar de uma ou de várias comunidades sociais. Cada cultura só se explica do seu interior para fora e seus componentes “vividos e pensados” devem ser o fundamento de qualquer programa de formação ou de transformação social.
- 3 Ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho. Embora pessoas possam aprender e se instruir em algo por conta própria. As pessoas, como seres humanos, educam-se umas às outras e mutuamente

se ensinam e aprendem, através de um diálogo mediatizado por mundos de vivências e de cultura entre seres humanos, grupos e comunidades diferentes, mas nunca desiguais.

- 4 Alfabetizar-se, educar-se (e nunca: “ser alfabetizado, “ser educado”) significa algo mais do que apenas ler palavras e desenvolver certas habilidades instrumentais. Significa aprender a ler criativa e criticamente o “seu próprio mundo”. Significa aprender, a partir de um processo dialógico, em que importa mais o próprio acontecer partilhado e o processo do que os conteúdos com que se trabalha. Esse processo convida a tomar consciência de si mesmo (quem de fato e de verdade sou eu? Qual o valor de ser quem eu sou?); tomar consciência do outro (quem são os outros com quem convivo e partilho a vida? Em que situações e posições nós nos relacionamos? E o que isto significa?) e tomar consciência do mundo (o que é o mundo em que vivo? Como ele foi e segue sendo socialmente construído para haver se tornado assim como é agora? O que podemos e devemos fazer para transformá-lo?)

Ora, a realização destas propostas educativas, culturais e políticas encontram no círculo de cultura a sua mais conhecida realização. Anos mais tarde, a tradição consolidada no círculo de cultura foi bastante diferenciada e estendida às mais diversas situações educativas, dentro e fora das escolas, dentro e fora das salas de aula.

Sugestões de passos para o círculo de cultura, por Irene Cardoso, professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV)

- 1 Sente-se em círculo
- 2 Faça uma pergunta aos participantes. Por exemplo, o que é agroecologia?
- 3 Em uma tarjeta, cada um escreve em letra bem grande e com pincel (para que seja visível) a primeira palavra que vem no pensamento ao ouvir a questão.
- 4 Em um canto da tarjeta, cada um escreve o seu nome, em letras pequenas. (Alternativamente as palavras podem ser escritas no quadro ou em uma folha de papel grande).

- 5 Colete todos os papéis e coloque-os em um lugar visível, na ordem em que foram coletados (por exemplo, pode dispô-los no chão)
- 6 Uma a uma, as pessoas explicam porque mencionaram aquela palavra.
- 7 Após uma pessoa começar, as outras podem levantar a mão e solicitar a vez para explicar sua palavra, caso pense que há conexão com a palavra dita pelo outro. Caso ninguém levante a mão, o círculo continua.
- 8 O facilitador procura fazer as ligações entre as palavras e sistematizar o pensamento, mas sem interferir muito.
- 9 Após todos explicarem suas palavras o trabalho pode continuar, na forma de trabalho em grupo, leituras de textos, ou qualquer outra alternativa.
- 10 Caso o grupo seja muito grande, pode-se dividir em pequenos grupos, mas daí com vários facilitadores. Alternativamente, pode-se fazer um grupo no centro, com 10 pessoas. Se há tempo, deixe uma cadeira vazia no centro, e quem sentir vontade senta-se na cadeira, escreve ou diz uma palavra e explica a palavra escrita ou dita.

OBS: AO INVÉS DE UMA PALAVRA PODE-SE USAR TAMBÉM UM DESENHO OU OBJETO. POR EXEMPLO, AO FAZER UMA CAMINHADA PELA PROPRIEDADE, CADA UM COLETA UM OBJETO E APRESENTA NO CÍRCULO.



COMUNICAÇÃO POPULAR: O PRINCÍPIO DA COMUNICAÇÃO ENQUANTO DIREITO

As práticas de comunicação interconectam os processos que movem a nossa vida em sociedade. Portanto são utilizadas tanto para apresentar propostas de emancipação da classe popular, quanto para perpetuar a concepção de mundo daqueles que detém o poder econômico e político. A movimentação de métodos e ferramentas comunicativas e a visibilização do debate sobre comunicação como um direito fundamental na luta pela agroecologia floresceu jardins em vários cantos do país. Aprendemos na caminhada com agroecologia, que não basta realizar as atividades. Para que a agroecologia cresça e floresça, aproximando novas e novos parceiros, é preciso que façamos registros criativos e coloridos que garantam a memória do processo vivido e o diálogo com a sociedade. Seja qual for a atividade que você vá realizar (mutirão, oficina, feira, caravana ou uma troca de sementes) é fundamental mobilizar pessoas específicas para cuidar dos processos de comunicação.

O que é preciso?

Celulares. Independente da resolução da câmera, da marca, da conexão com a internet, esse é um instrumento potente e popular, sobretudo, no diálogo e no envolvimento dos e das agricultoras como protagonistas dos processos de comunicação.

Caderno de Anotações. O velho e bom caderninho de anotações para as relatorias, registro de depoimentos, nomes das pessoas, lugares e sentimentos.

Conexão com a Internet. Se possível, é sempre bom verificar se há condições de publicar os textos, as fotos e os pequenos vídeos em tempo real. Essa cobertura dinâmica envolve, aproxima e encanta.

Papéis e canetas coloridas. Não deixe de se comunicar pela escrita. Anote os sites, endereços do Facebook e outras informações/mensagens que vocês queiram comunicar.

Câmeras fotográficas, se tiver. Costumamos dizer que a comunicação existe muito antes da tecnologia. É possível e necessário não depender dessas tecnologias para registrar e divulgar nossas práticas e saberes. Se tivermos equipamentos bacanas, ótimo também!

Redes sociais. As redes sociais na Internet são uma ferramenta importante para fazer a informação chegar em quem não está diretamente envolvido com os temas. As redes mais populares são Facebook, WhatsApp, Instagram entre outras. É possível criar uma página específica ou fazer postagens no perfil pessoal de quem está participando da atividade.

Como fazer?

1 **Identificando capacidades locais:** É muito importante identificar as capacidades locais - quem aqui, nessa comunidade, bairro, universidade, grupo - já faz comunicação? Gosta de mexer no Facebook, escrever e tirar foto? Identificado quem do próprio grupo pode ajudar, é a hora de refletir sobre quem mais pode ser envolvido. Existem outras pessoas de coletivos e movimentos sociais que podem ser convidados para as atividades? Podemos aproximar estudantes de comunicação, cultura e arte? E o jornalzinho local, topa?

2 **Reunião de planejamento:** Sugerimos fazer um chamado para uma reunião de planejamento e aproximação dessas pessoas. Este é o momento de mapear o que cada um gosta mais de fazer e identificar ausências. Como exemplo, é possível que vocês identifiquem que reuniram muita gente que pode tirar foto, mas poucas pessoas para escrever e atualizar as redes sociais. Assim, o grupo identifica quem mais pode aproximar.

3 Plano de Comunicação da Ação/Atividade/ Processo: Mais do que fazer tabelas complexas de planejamento, esse é o momento de explicar como vai ser a atividade e planejar juntas e juntos o que é prioridade, possível e mais estratégico fazer. Aqui vocês podem acionar matrizes de planejamento da comunicação (veja exemplo abaixo)

4 Definir produtos: Este é o momento de cruzar as demandas da atividade com a capacidade do grupo e definir produtos factíveis (o famoso, pé no chão) no tempo do processo e das pessoas envolvidas.

5 Publicar: As fotos bonitas, os vídeos e os depoimentos precisam ganhar o mundo. É a hora de colocar “o bloco na rua”. Se o grupo/coletivo/atividade não tem canais próprios de comunicação quem sabe é o momento de criá-los. É importante publicar nos canais de comunicação próprios (ou criados para tal), mas é fundamental, mobilizar pessoas, organizações e redes parceiras para o compartilhamento das publicações. Enviar nos grupos de whatsapp, avisar por e-mail do produto e o que mais for possível.

6 Avaliar: É sempre importante fazer uma rodada de impressões e balanço com o grupo envolvido. Se der samba, pensar em como vocês seguem trabalhando juntas e juntos e como envolvem pessoas que se aproximaram durante o processo.

Um princípio fundante da comunicação popular é que todas e todos são comunicadores/as. Então é importantíssimo manter o radar sempre aberto e ligado para pessoas que topam pensar, sentir e construir a comunicação como arte, intervenção cultural, denúncia e anúncio. Envolver a juventude e as mulheres nos cuidados da comunicação. Identificar coletivos e canais populares de comunicação (já experimentou chamar o Brasil de Fato, os Coletivos da ASA e tantos outros próximos à vocês para uma atividade?). Vale lembrar que a comunicação popular é um grande processo educativo e formativo humanizador! Sempre que pensarmos a comunicação, pensarmos espaços de troca e aprendizagem coletiva.

SUGESTÃO DE PLANO DE COMUNICAÇÃO SIMPLIFICADO

O que vamos contar? (feiras, oficinas, intercâmbios)	Para quem vamos contar? (outros agricultores/as, estudantes, governo)	Como iremos comunicar? (teatro, cartazes, fotos, vídeos, cartas)	Quem irá fazer? (detalhar responsável para cada produto)	Em qual canal e espaço será publicado? (murais, rádio, facebook, sites das universidades)

Inspirações/Referências:

Materiais da Escola de Ativismo - <https://ativismo.org.br/materiais/>


Projeto Inventar com a Diferença - <https://www.inventarcomadiferenca.org/>

Boletins Candeeiros da ASA - <http://www.asabrasil.org.br/acervo/o-candeeiro>

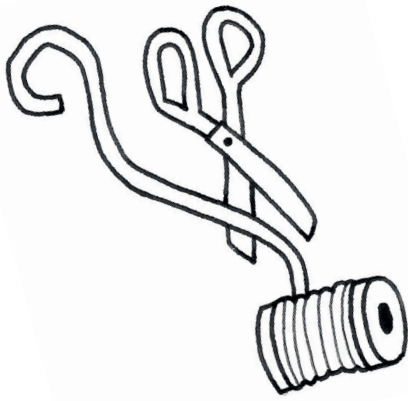
Materiais da Campanha Contra os Agrotóxicos - <http://antigo.contraosagrototoxicos.org/index.php/materiais>

The background is a vibrant yellow color, overlaid with a pattern of blue line-art illustrations. The illustrations include various types of flowers, such as large five-petaled blooms and smaller buds, along with long, slender leaves and clusters of smaller, pointed leaves. The overall style is clean and modern, with a focus on natural motifs.

PROCESSOS & CUIDADOS



A condução de um processo é uma arte invisível e requer uma sensibilidade sutil e perspicaz. A seguir, listamos alguns cuidados essenciais para garantir o acolhimento, a caminhada coletiva e confirmar, que mais importante do que os resultados, são os processos e o que eles geram nos territórios.



PROCESSOS E CUIDADOS

PREPARAÇÃO

O Cuidado com o Processo

AS NOSSAS ATIVIDADES DEVEM SER PLANEJADAS COM CARINHO, PARA ISSO PRECISAMOS TER UMA VISÃO HOLÍSTICA DO PROCESSO, DESDE A PREPARAÇÃO ATÉ O ENCERRAMENTO DE UMA ATIVIDADE. ESSA FICHA IRÁ TE AJUDAR A TER UM PROCESSO MAIS FLUIDO E LEVE PARA TODAS AS PESSOAS ENVOLVIDAS.

MATERIAIS

Cuidar do processo é cuidar das pessoas. Aqui não se tem materiais necessários, no máximo um rascunho para anotação. O importante nesse momento é o carinho com aqueles/as que estarão envolvidos/as na atividade. **Documentos de orientação, com informações importantes sobre o encontro enviados antes do evento a todos os participantes, podem ser muito úteis para alinhar as expectativas e socializar os objetivos do encontro.** Uma ferramenta que nos ajuda muito para organização dos facilitadores da atividade são as pastas e documentos compartilhados online (exemplo do Google Drive), ainda que precisemos exercitar o uso de canais baseados em softwares livres, disponibilizar os materiais e conteúdos para revisão e edição coletiva é sempre bem vindo.

SOBRE AS PESSOAS

É muito importante que todos participantes saibam como está organizada a programação e quem irá facilitar os espaços, assim ninguém é pego de surpresa e todos ficam mais à vontade. Integrar os participantes das atividades nos espaços também torna o processo mais leve e acolhedor, deixe sempre espaços abertos para que alguém possa propor um alongamento, música ou outra metodologia que pode futuramente compor esse fichário.

FLUXOS E TEMPOS

O Cuidado com o Processo começa bem antes da atividade ser realizada, reserve um tempo para que, com calma, você possa pensar individual e coletivamente sobre todos os momentos da atividade e planejá-las de acordo com os objetivos do evento e com o tempo disponível.

COMO FAZER

- 1 Conhecer um pouco daqueles/as que irão participar das atividades.
- 2 Divida a equipe que irá facilitar os espaços. Uma dica aqui é não facilitar dois espaços seguidos. Além de cansativo para quem está facilitando, também é cansativo para quem está participando da atividade.
- 3 Aprenda fazendo. Esteja preparado e aberto para mudanças na programação e metodologia, mantenha o diálogo com a equipe e com os participantes e escute com atenção as avaliações sobre o processo.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

Reuniões virtuais e presenciais, quando possível, ajudam muito. Recomendamos, em processos amplos, reuniões regionais ou por coletivo de trabalho. Uma dica para as reuniões virtuais é a plataforma (<https://meet.jit.si/>) gratuita e on-line, uma boa alternativa para o Skype.

SOBRE OS ESPAÇOS

O olhar atento para o espaço garante sempre uma leveza ao processo. Antes de iniciar a atividade confira a organização do espaço. Uma dica é olhar a ficha dos “Espaços Educadores” e garantir que, além de aconchegante, a ornamentação do espaço também proporcione a troca de saberes.



PROCESSOS E CUIDADOS

CHEGADA

“Chegância” - A Arte de Acolher, o cuidado como princípio

ENVOLVE CARINHO E AFETO NO ACOLHIMENTO DAS PESSOAS, NA SUA RECEPÇÃO E SE FAZ PRESENTE DURANTE TODA VIVÊNCIA.

O intuito da metodologia é acolher quem chega, processo que se inicia antes do começo das atividades. Significa estar com antecedência no espaço que receberá o evento, se assegurar que ele atende todas as necessidades das e dos participantes, que todos os materiais utilizados estão no local e funcionando.

MATERIAIS

É possível utilizar cartolinas, papel kraft ou flipchart para dar destaque à programação do dia, aos combinados e acordos coletivos e às demandas de gestão do espaço, do tempo e da qualidade do encontro. Sugere-se uma música calma e em volume baixo, pedir aos participantes que levem elementos de suas regiões e/ou cotidiano para construção coletiva da mandala, no centro do círculo. O importante são os abraços e sorrisos que trocamos ao chegar. Materiais de ornamentação também são bem vindos e recomendados, como flores, varais de fotos, papéis coloridos, entre outros descritos na ficha “Espaço Educador”.

FLUXOS E TEMPOS

O acolhimento é o período em que as pessoas estão chegando, em que o credenciamento está sendo feito (quando desejado/necessário) e em que o grupo vai se acomodando. Sugere-se 30 minutos antes do início das atividades. Se por algum motivo houver atrasos, mantenha a calma e veja o que pode ser feito.

SOBRE OS ESPAÇOS

É importante estar atenta às necessidades especiais de quem participa. Um ambiente apto e acessível a todas as pessoas é fundamental.

COMO FAZER

- 1 Fazer/imprimir a lista de presença.
- 2 Chegar antes no local que receberá as atividades e se certificar que está tudo organizado.
- 3 Recepcionar as pessoas, dando o suporte preciso.
- 4 Apoiar as pessoas que por ventura cheguem atrasadas.
- 5 Se possível indicar e acompanhar as e os participantes até os quartos.
- 6 Realizar alguma dinâmica para animar a chegada das pessoas.

SOBRE AS PESSOAS

Manter a calma em possíveis momentos de tensão e pedir ajuda quando necessário tornam o processo mais leve e coletivo. Consultar grupos ampliados em situações mais difíceis

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

“Parece que já nos conhecíamos”, um sentimento de pertencimento ao local e reconhecimento em quem também está participando.

INSPIRAÇÕES

Metodologias de chegada e acolhimento propostas pela Comunicação Não Violenta, de Marshall Rosenberg, e pela Arte de Anfitriar (<http://www.artofhosting.org/pt-br/>) são muito interessantes.



PROCESSOS E CUIDADOS

MESA DA PARTILHA

Alimentação: nutrindo o corpo e a alma

COMIDA É CULTURA! É TRADIÇÃO, SABER POPULAR, É SEMENTE QUE SE PLANTA E QUE SE COLHE

Esta ficha compartilha alguns cuidados sobre a alimentação durante as atividades.

A alimentação tem o objetivo de nutrir nosso corpo fisicamente por meio da comida e, subjetivamente, a partir das experiências compartilhadas, das histórias contadas, das receitas e da cultura do nosso povo.

MATERIAIS

- Contatos dos e das participantes para envio de mensagens prévias.
- Um local plano e limpo para colocar os alimentos, preferencialmente uma mesa. Uma toalha é interessante, principalmente se a comida for servida no chão.
- Cumbucas, pratos, talheres e copos para as pessoas que forem comer. Uma opção é pedir que todas e todos levem o seu kit militante, composto por pratos, talheres, canecas e outros utensílios.

FLUXOS E TEMPOS

O processo que envolve a alimentação começa bem antes do preparo das refeições. O cuidado com a origem dos alimentos, dando preferência, quando possível, a produtos locais, agroecológicos e da agricultura familiar. Pensar em receitas que saboreiem os saberes e fazeres da cultura do lugar onde se pisa. Disponibilizar pausas um pouco mais longas para as refeições nos ajuda a descansar e voltar com mais energia para o coletivo.

SOBRE AS PESSOAS

Cada pessoa é um universo! Tendo isso em mente, é importante se manter alerta às diferentes dietas presentes e suas especificidades. Caso não saiba ao certo como funciona a alimentação de alguém, converse. O diálogo é sempre o melhor caminho.

SOBRE OS ESPAÇOS

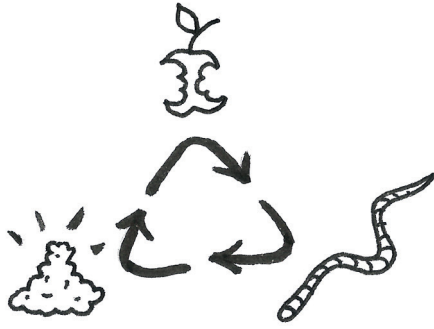
Espaços amplos, claros e que consigam acolher todas as pessoas. É importante que a cozinha seja próxima ao local em que partilhamos o alimento. Trazer elementos artísticos para mesa da fartura, celebrar este momento de coletividade, faz parte do processo!

INSPIRAÇÕES/REFERÊNCIAS

- Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde - Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- Guia Alimentar da População Brasileira - Ministério da Saúde - Brasília, 2014.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

“A comida é também um alimento para a alma!”, a fartura de relações, trocas, temperos, cores, sabores, cheiros traz um pouco da cultura dos territórios.



PROCESSOS E CUIDADOS

RESÍDUOS

Gestão de Resíduos - Não existe lixo, existe matéria-prima fora do lugar

OTIMIZAR OS MATERIAIS E RECURSOS É UM IMPORTANTE PONTO A SER OBSERVADO, JÁ QUE MUITAS VEZES PODEMOS REAPROVEITAR O QUE TEMOS AO NOSSO REDOR.

Tudo que é gerado em uma atividade vai para algum lugar. Não adianta a coerência das falas, se as práticas não estão alinhadas. Esse princípio dá origem à um cuidado importante: a destinação correta dos resíduos gerados durante nossas atividades.

MATERIAIS

- Recipientes apropriados a destinação de cada tipo de resíduo, considerando resíduos orgânicos, resíduos secos e rejeitos.
 - > Lembre-se que o material orgânico pode ser compostado.
 - > Não é preciso comprar recipientes, o indicado é aproveitar latas, baldes, cestos e outros materiais disponíveis no espaço.
- Cartolinas e canetões para fazer placas informativas.
- Utensílios disponíveis que podem ser necessários para limparmos o local que acolhe as atividades, como pano, vassoura, etc.

FLUXOS E TEMPOS

Harmonizar, organizar o espaço em que estamos apoia a fluidez dos processos, tornando mais leves os momentos em coletivo. Isso é válido para antes, durante e depois das atividades. Com calma, vamos organizando, arrumando, colocando as coisas no lugar.

SOBRE AS PESSOAS

Toda tarefa, quando compartilhada, funciona melhor. Depende do número de participantes, mas ter no mínimo duas ou mais pessoas atentas a este processo facilita bastante e não sobrecarrega ninguém.

SOBRE OS ESPAÇOS

O mais importante em relação ao local físico que nos acolhe é que tenha carinho em sua arrumação, seja bem iluminado, fresco, com capacidade de atender as necessidades de quem participa da atividade. Isso inclui os resíduos.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES


Espaços limpos e organizados tornam as atividades mais prazerosas.

DESCUBRA OS DIAS EM QUE SÃO COLETADOS CADA TIPO DE RESÍDUOS NO LOCAL ONDE ESTÁ SENDO A ATIVIDADE. CASO NÃO HAJA COLETA, DIALOGUE COM OS PARTICIPANTES SOBRE LEVAR OS RESÍDUOS SECOS PARA RECICLAGEM AO TÉRMINO DA ATIVIDADE, PRIVILEGIANDO COOPERATIVAS DE RECICLAGEM OU CATADORES LOCAIS.

INSPIRAÇÕES

A inspiração dos cuidados coletivos com o espaço vem da relação afetiva que temos pelo processo metodológico das atividades. Uma sugestão de leitura é a cartilha “Lixo” do Ministério do Meio Ambiente (MMA), disponível na internet e a publicação “Da Pá Virada: Revirando O Tema Lixo - Vivências Em Educação Ambiental E Resíduos Sólidos” USP Recicla.

CASO O LOCAL TENHA ESPAÇO ABERTO, DIALOGUE COM OS PROPRIETÁRIOS SOBRE A INSTALAÇÃO DE UMA COMPOSTEIRA NO LOCAL. ESSA PODE SER UMA ATIVIDADE PARALELA PROPOSTA DURANTE O EVENTO, CASA HAJA ESPAÇO NA PROGRAMAÇÃO. ASSIM, A GENTE INCLUSIVE DEVOLVE O ESPAÇO MELHOR.

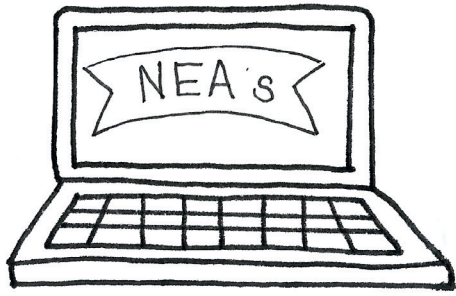


COMO FAZER

- 1 Colocar os recipientes apropriados para cada resíduo em local visível, fazendo placas informativas.
- 2 Conversar com o coletivo antes das atividades começarem, explicando como foi pensada a gestão dos resíduos.
- 3 Pedir apoio de mais uma ou duas pessoas no cuidado desta tarefa.
- 4 Ao longo das atividades, fazer a manutenção necessária (como trocar os recipientes, por exemplo).
- 5 Caso haja uma composteira no local, levar os resíduos orgânicos para lá e fazer o manejo.

NUNCA QUEIME OS RESÍDUOS!





PROCESSOS E CUIDADOS

RELATORIA

Relatoria: a importância da memória coletiva

“A GENTE ESCREVE A PARTIR DE UMA NECESSIDADE DE COMUNICAÇÃO E DE COMUNHÃO COM OS DEMAIS, PARA DENUNCIAR O QUE DÓI E COMPARTILHAR O QUE DÁ ALEGRIA”. EDUARDO GALEANO

“Fazemos muito e registramos pouco!”, “A riqueza dos momentos de perde”, “Lembra daquela atividade, quando foi? Quem esteve?”. A relatoria continua sendo um dos grandes desafios dos movimentos sociais onde nossa prática ativista e o acúmulo de tarefas, nos tira desses cuidados de registro. Aqui, compartilhamos algumas dicas e aprendizados colhidos em muitas andanças exercitando, de forma textual, o registro dos momentos vividos. Esperamos trazer leveza e potência para esse trabalho que tece e cuida das nossas memórias coletivas.

MATERIAIS

- Notebook: para otimizar o trabalho de organização final das relatorias, é muito importante ter um notebook disponível para o registro.
- Caderninho e caneta: em nossas dinâmicas, muitas vezes, para que o/a relator/a possa estar nos processos, é inviável carregar o notebook, então é importante sempre ter um caderninho para registrar esses momentos e depois passar para o arquivo digital.
- Gravadores, se possível. Pode ser de celular.

TRATANDO DE PROCESSOS PARTICIPATIVOS E PERMEADOS PELA AGROECOLOGIA, É IMPORTANTE RESSALTAR QUE ESSE REGISTRO BUSCA, PARA ALÉM DAS QUESTÕES OBJETIVAS, CAPTAR AS MÍSTICAS, AS EMOÇÕES COMPARTILHADAS, POESIAS, MÚSICAS, TRECHOS DE FALAS IMPACTANTES E O QUE MAIS, NOS ESPAÇOS QUE ESTAMOS, COMPÕEM NOSSOS CAMPOS SENSÍVEIS.

FLUXOS E TEMPOS

Para relatar, é muito importante a concentração e a calma para entender os momentos. Muitas vezes, tudo acontece muito rápido e é normal que percamos algumas coisas, mas podemos colocar apenas palavras chaves que nos permitam, ao longo do evento, recuperar os temas e redigir. Por isso também, é interessante que tenhamos uma dupla de relatores por espaço, potencializando a troca e o registro.

SOBRE AS PESSOAS

Um arranjo interessante são as duplas de relatoria por espaço. Isso porque às vezes uma pessoa só pode se cansar facilmente ou ter dúvidas sobre o registro, assim, quando estamos em duplas conseguimos fazer com mais tranquilidade, também saindo um pouco quando preciso.

SOBRE OS ESPAÇOS

Lugar com cadeira e mesa para que fique em posição confortável. No caso do uso do notebook, é importante lembrar de ficar perto de uma tomada.

INSPIRAÇÕES

III ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2014, Juazeiro. Anais do III Encontro Nacional de Agroecologia. Rio de Janeiro: Ana, 2014. 232 p.

NÃO É PRECISO FAZER RELATOS DESCRITIVOS E DENSOS, A NÃO SER QUE EXISTA A NECESSIDADE DE TRANSCRIÇÃO DAS FALAS, O MAIS IMPORTANTE É DEFINIR COLETIVAMENTE: PARA QUE ESSE REGISTRO SERVIRÁ? EM QUAL FORMATO ELE É MAIS IMPORTANTE? ÀS VEZES SÍNTESES, TRECHOS DE FALAS E AS TROCAS DE EXPERIÊNCIAS SÃO MAIS PRECIOSAS DO QUE RELATOS DESCRITIVOS QUE PODEM CANSAR A LEITURA E GERAR DOCUMENTOS ASSUSTADORES CHEIOS DE PÁGINAS.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

“É muito difícil registrar tudo, é muito rápido” - a ideia da dupla de relatores busca também amenizar as tensões e essa impressão de que “estamos perdendo muita coisa”. Outra percepção compartilhada por relatores e relatoras é do quanto é interessante a imersão no entendimento dos processos, aprendemos muito ao relatar.

SEMPRE QUE POSSÍVEL INTERCALE FOTOS, FACILITAÇÕES GRÁFICAS, LINKS DE MATERIAIS E POESIAS NO ARQUIVO FINAL.

COMO FAZER

- 1 Mobilizar e identificar pessoas específicas para essa atividade.
- 2 Construir acordos e orientações coletivas para o trabalho.
- 3 Elaborar roteiros para a relatoria com todas as orientações necessárias e com os focos de relato (forma e conteúdo) para cada momento.
- 4 Viabilizar materiais e espaço para fazer a relatoria.
- 5 Salvar previamente os roteiros e identificar os arquivos com o título e os tópicos da programação antes de iniciar os espaços.
- 6 Fazer os registros com concentração e calma.
- 7 Organizar/revisar as relatorias pós-evento.
- 8 Se possível fazer reuniões coletivas de visualização, reflexão, análise e síntese dos materiais, painéis e textos produzidos, refletindo sobre prioridades e produtos esperados.
- 9 Construir produtos acessíveis à diferentes públicos e disponibilizar o conteúdo de forma apropriada para revisão e complementação daqueles que vivenciaram a experiência.



PROCESSOS E CUIDADOS

ACORDOS COLETIVOS

“PRESENTE É UM ADJETIVO OU SUBSTANTIVO QUE EXPRESSA O QUE EXISTE OU ACONTECE NO MOMENTO EM QUE SE FALA OU QUE ESTÁ NO TEMPO ATUAL”

Os acordos coletivos buscam garantir a presença qualificada dos e das participantes na atividade, reduzindo interferências que desviem a atenção e a presença do grupo. Essa dinâmica constrói ainda um quadro de princípios coletivos que orientam as práticas individuais e compartilham as tarefas de cuidado com o processo.

MATERIAIS

É possível utilizar cartolinas, papel kraft, flipchart ou apenas tarjetas para dar destaque aos combinados e tarefas que foram firmados. É importante que os acordos fiquem visíveis a todos os participantes, nos espaços de trabalho principais ou nos corredores de acesso aos quartos ou à área onde são realizadas as refeições, para que possam ser relembrados sempre que necessário.

FLUXOS E TEMPOS

É interessante que os acordos coletivos sejam dialogados logo no início das atividades, após a apresentação dos presentes. Sugerimos, no máximo, 20 minutos para a realização dessa atividade e que demandas, já visualizadas pelo grupo facilitador, estejam previamente listadas e acessíveis para a complementação e estímulo ao grupo.

SOBRE AS PESSOAS


Todos precisam estar confortáveis com os acordos coletivos. Se não há consenso e as pessoas não estiverem dispostas a abrir mão de suas opiniões, busque um meio termo ou até retire o acordo da lista. O mais importante é todos serem ouvidos e se sentirem confortáveis com as decisões tomadas.

COMO FAZER

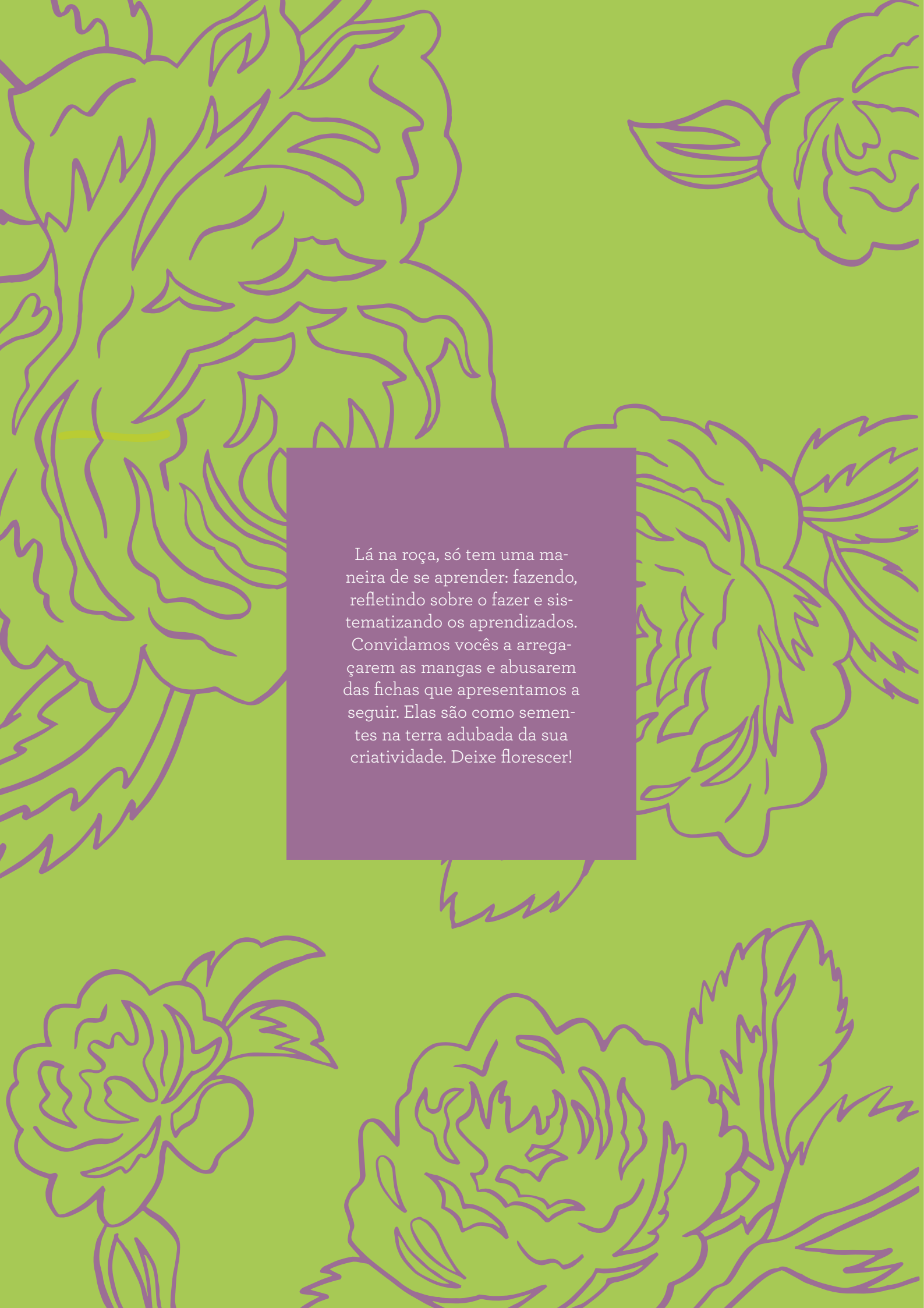
- 1 Com as pessoas em roda, pergunte o que é necessário para manter a presença e a atenção durante a atividade.
- 2 Busque incluir acordos que dialoguem com a gestão do espaço e com as tarefas coletivas que devem ser compartilhadas pelos participantes.
- 3 A cada opinião e manifestação, verifique se há consenso entre todos ou se há divergências ou propostas alternativas.
- 4 Exercite o bom senso na definição dos acordos.
- 5 Escreva, de forma sintética e explicativa, os acordos no papel. Use de desenhos e ícones para melhor exemplificar cada um deles.

ALGUNS ACORDOS IMPORTANTES PARA SEREM FEITOS:

- USO DE CELULAR DURANTE A ATIVIDADE
- CONVERSAS COCHICHADAS
- LIMPEZA E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO
- AUTORIZAÇÃO PARA FOTOS E VÍDEOS
- DEFINIÇÃO DE RELADORES PARA AS ATIVIDADES
- DEFINIÇÃO DE UM GUARDIÃO OU GUARDIÃ DO TEMPO, QUE CONTROLARÁ O TEMPO PREVISTO PARA CADA ATIVIDADE.
- DEFINIÇÃO DE UM GUARDIÃO OU GUARDIÃ DA HARMONIZAÇÃO, QUE OBSERVARÁ O GRUPO E PODERÁ PROPOR ATIVIDADES PARA LEVANTAR E EXERCITAR O CORPO.



METODOLOGIAS CHAVE



Lá na roça, só tem uma maneira de se aprender: fazendo, refletindo sobre o fazer e sistematizando os aprendizados. Convidamos vocês a arregaçarem as mangas e abusarem das fichas que apresentamos a seguir. Elas são como sementes na terra adubada da sua criatividade. Deixe florescer!



METODOLOGIAS CHAVE

RIO DO TEMPO

Rio do Tempo, Rio de Histórias

VISUALIZAÇÃO E RECONSTRUÇÃO COLETIVA DAS MEMÓRIAS DE UMA EXPERIÊNCIA

MATERIAIS

- Tarjetas de três cores diferentes para identificar:
 - > lembranças relacionadas à pergunta 1;
 - > lembranças relacionadas à pergunta 2 e anos.
- Fita crepe para fixação das tarjetas no chão, se possível.
- Caneta de ponta grossa.

COMO FAZER

- 1 Defina coletivamente com o grupo facilitador quais são as duas perguntas disparadoras.
- 2 Explique o objetivo do Rio e como ele será construído e, caso não exista um relator/a, verifique se alguém pode fazer esse relato.
- 3 Distribua tarjetas e faça a primeira pergunta.
- 4 Dê um tempo necessário para que as pessoas possam colocar suas lembranças.
- 5 Na dinâmica do Círculo de Cultura, cada participante fala sobre sua lembrança, entrega a tarjeta ao facilitador que começa a montagem do Rio.
- 6 Distribua as tarjetas de outra cor e faça a segunda pergunta (enquanto isso, o facilitador das tarjetas, insere os anos em tarjeta de outra cor).
- 7 Repita a segunda rodada de partilha das tarjetas.
- 8 Avalie o momento de intervalo, respiro e lanche.
- 9 Na volta, convide o grupo a navegar pelo rio, observar as lembranças.
- 10 Abra para impressões gerais.
- 11 Convide pessoas a se sentarem pelas margens do Rio, estimule falas e a inserção de novas lembranças que podem ter faltado.
- 12 O facilitador ou facilitadora da montagem do Rio, explica como ele foi construído e fala dos seus componentes (uma dica bacana que aprendemos é que tarjetas que não trazem fatos, mas processos e princípios, ficam na posição contrária as demais - margeando as que já estão),
- 13 Convide o relator ou relatora a partilhar seus aprendizados.
- 14 Celebre com música, palmas e alegria a história reconstruída à muitas mãos.
- 15 Garanta uma boa relatoria das tarjetas, além das falas.

FLUXOS E TEMPOS

É muito prazeroso dedicar tempo para a construção do Rio e reflexão das memórias coletivas. Nos ajuda muito realizar essa dinâmica durante a parte da manhã, quando as pessoas estão mais despertas e concentradas. Geralmente é feito um pequeno intervalo, após as duas rodadas de perguntas, pois é fundamental que exista concentração e cumplicidade entre todas e todos. Outra percepção sobre o Rio é não começá-lo se não houver tempo para, pelo menos, uma rodada de pergunta e, portanto, de construção. Em geral, de acordo com o número de pessoas, ficamos cerca de 3 horas ou 3h30 nessa construção.

VARIAÇÕES

Uma variação interessante dessa metodologia é intercambiar com a metodologia de Instalações Pedagógicas. Cada pessoa pode falar sobre sua lembrança (escrita na tarjeta) também compartilhando um objetivo, foto, bandeira, um símbolo, uma poesia ou música - esses materiais podem ser alocados ao lado das tarjetas.

VARIAÇÕES

- **Nascentes:** Tarjetas que trazem as origens da história.
- **Afluentes:** Muitos rios, processos, projetos, ações e pessoas que constroem a história.
- **Mata Ciliar:** princípios, sentimentos e processos mais permanentes à história daquele grupo.
- **Cachoeiras:** momentos de grandes encontros, culminâncias, muitas vozes, atividades que mudam o curso dos processos (exemplo das Caravanas que são cachoeiras em muitos rios de história).
- **Barragens:** momentos em que a história foi represada, reduzida, de alguma forma ameaçada. É importante que o Rio também registre e partilhe desafios, crises e aprendizados colhidos nesse processo.

SOBRE AS PESSOAS

É preciso de 3 facilitadores/as nessa dinâmica: 1 pessoa para puxar, 1 pessoa para receber as tarjetas e 1 pessoa para relatar. Se o grupo tiver mais de 30 pessoas, ter duas pessoas no recebimento das tarjetas, é melhor e menos cansativo. Não há limites de participantes. Um grupo menor, permite que outras rodadas de perguntas possam ser feitas e permite a partilha de mais tarjetas/lembranças. Em grupos grandes é interessante sugerir que a pessoa leia todas as lembranças, mas não explique todas. Os participantes podem, na segunda rodada inserir sozinhos as lembranças nas datas, que já estarão fixadas.

INSPIRAÇÕES/REFERÊNCIAS

Essa metodologia é resultado de uma reinvenção da dinâmica Linha do Tempo. Nossa caminhada no Projeto de Sistematização, mostrou que a história, as lembranças, a vida corre mais como um rio do que como uma linha e que uma boa metáfora e história, próxima e com sentido à vida de todas e todos, nos ensina mais.

- **Assoreamento:** Ações contrárias que podem ter interferido na dinâmica do processo, como desafios políticos.
- **Oceano:** Diferentes ações, rios e histórias desaguam em oceanos comuns: a agroecologia, a solidariedade, a vida!
- **Fundo do Rio:** é como chamamos a relatoria detalhada - impressões registradas desse rio que corre.
- **Pedras:** Desafios
- **Cheias:** Mais pessoas, mais projetos, mais ações.
- **Secas:** Menos pessoas, menos ações, menos recursos.
- **Correntezas:** O que nos move, nos ativa!



METODOLOGIAS CHAVE

MATE COM PROSA

A ARTE DE FAZER PERGUNTAS E MOBILIZAR CONVERSAS SIGNIFICATIVAS

O Mate com Prosa é uma metodologia participativa de estímulo ao diálogo em grupos, nos quais participantes se dividem e conversam em torno de uma pergunta central. O processo é organizado de forma que as pessoas circulem entre os diversos grupos e conversas, conectando e polinizando as idéias de forma dinâmica e objetiva, possibilitando a emergência de um saber coletivo construído participativamente. É uma metodologia que possibilita a troca, o incentivo à participação de todos, o diálogo em pequenos grupos e o compartilhamento de ideias de forma rápida e dinâmica.

MATERIAIS

- Mate (ou um cafezinho) em cada grupo
- Cartolinas (toalha da mesa)
- Canetões, canetinhas e giz de cera
- Mesas e cadeiras de trabalho (importante, mas não essencial)
- Perguntas geradoras

O MATE OU CAFÉ É IMPORTANTE PARA ESTABELECEER UM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO E COMPARTILHAMENTO ENTRE OS PARTICIPANTES, COMO UMA MESA DE UM CAFÉ.

PESSOAS

Não há número máximo. Há notícias de mates com prosa feitos com mais de mil pessoas. É preciso ter um facilitador ou facilitadora e um anfitrião ou anfitriã para cada mesa. Essa pessoa é responsável por servir o mate (ou passar o café), acolher quem chega e apresentar as anotações feitas na toalha da mesa.

FLUXOS E TEMPOS

Para realizar essa metodologia com qualidade, o tempo mínimo é de 45 minutos e o tempo máximo é variável, de acordo com a necessidade, em função do número de perguntas e participantes. Os participantes iniciaram as conversas em um grupo e deverão mudar para outro grupo com a orientação do facilitador. Recomenda-se pelo menos 3 rodadas, sendo o tempo para discussão de 15 minutos para a primeira rodada, 15 minutos para a segunda rodada e 10 minutos para a terceira.

É IMPORTANTE ORIENTAR OS PARTICIPANTES PARA QUE TENHAM OBJETIVIDADE NAS FALAS, MANTENDO ELAS DIRETAS E DE CURTA DURAÇÃO PARA QUE MAIS PESSOAS PARTICIPEM. O TEMPO É CURTO!

SOBRE O ESPAÇO

Para criar um bom Mate com Prosa, é importante criar um espaço hospitaleiro que seja seguro e convidativo. Quando as pessoas sentem-se confortáveis para serem elas mesmas, tornam o seu pensamento, fala e escuta mais criativos.

TODAS AS PESSOAS QUE ESTÃO NA MESA DURANTE UMA CONVERSA PODEM CONTRIBUIR COM O REGISTRO, ANOTANDO E DESENHANDO NAS CARTOLINAS.

VOCÊ PODERÁ UTILIZAR UM SINO OU ALGUM INSTRUMENTO SONORO PARA ESTIMULAR AS RODADAS.

REFLITA BEM SOBRE AS PERGUNTAS QUE ESTARÃO EM CADA MESA OU RODA DE CONVERSA. PERGUNTAS PODEROSAS E SIGNIFICATIVAS GARANTEM MAIOR QUALIDADE NOS RESULTADOS DE ACORDO COM O OBJETIVO DA ATIVIDADE.

COMO FAZER

- 1 Acomode as pessoas em diferentes grupos, recomendamos que sejam quatro a cinco pessoas por grupo, no entanto esse número pode variar de acordo com o número de participantes da atividade.
- 2 Cada grupo receberá uma pergunta, direcionada com base no diálogo que se pretende realizar, podendo ser, inclusive, a mesma para todos os grupos. Quando forem perguntas diferentes, é importante que todas as pessoas respondam todas as perguntas em suas rodadas.
- 3 Durante a primeira conversa, os grupos devem selecionar um anfitrião ou uma anfitriã para permanecer na mesa, realizando o registro das conversas e acolhendo o próximo grupo que virá.
- 4 Após o tempo determinado para a conversa, o facilitador deve avisar os participantes e estimular para que circulem para outros grupos.
- 5 A cada rodada o facilitador deve estimular que as pessoas se separem e se reagrupem em grupos diferentes, evitando que migrem conjuntamente, ficando no mesmo grupo.
- 6 Após a rodada, o anfitrião deve apresentar a pergunta orientadora da mesa e fazer, rapidamente, a síntese da conversa anterior.
- 7 Ao final da segunda rodada, todas as mesas ou grupos de conversação na sala serão “polinizados” com insights de conversas anteriores.
- 8 Depois de completadas todas as rodadas de diálogo, os anfitriões devem compartilhar com todo o grupo a síntese dos diversos diálogos que ocorreram em sua mesa.
- 9 Sínteses coletivas, a partir de cada toalha da mesa, podem ser geradas com tarjetas.

INSPIRAÇÕES

Essa metodologia é uma adaptação brasileira ao World Café (ou Café Mundial ou Café com Prosa), que também faz parte dos processos conversacionais chamados Art of Hosting (ou Arte de Anfitriar).



METODOLOGIAS CHAVE

ANÁLISE CONJUNTA DE CONJUNTURA

“A LEITURA DO MUNDO PRECEDE A LEITURA DA PALAVRA” PAULO FREIRE

A metodologia de análise conjunta de conjuntura busca evidenciar importantes elementos sobre o contexto político, econômico e sociocultural, subsidiando a análise e reflexão dos participantes. Essa contextualização ajuda a orientar os diálogos e discussões para que considerem a situação atual em múltiplas escalas durante as reflexões e decisões do grupo.

MATERIAIS

- Tarjetas coloridas (Se possível 6 cores diferentes ou intercaladas no uso)
- Fita crepe
- Canetões
- Local para exposição

SOBRE AS PESSOAS

É importante envolver todas as pessoas na análise de conjuntura, para considerar a diversidade dos canais de comunicação acessados pelos participantes, assim como explorar o nível de conhecimento em relação às diversas escalas que influenciam os territórios e as ações locais.

MUITAS VEZES AS ESCALAS SE CONFUNDEM COM AS FALAS DOS PARTICIPANTES. É IMPORTANTE O FACILITADOR SEMPRE RELEMBRAR EM QUE ESCALA ESTÁ A REFLEXÃO E O RELATOR POSICIONAR AS TARJETAS ADEQUADAMENTE.

FLUXOS E TEMPOS

O tempo ideal para a realização da atividade deve ser entre 30 a 45 minutos. A atividade será dividida em partes, considerando a escala de análise da conjuntura: Planetária, Mundial, Continental, Nacional, Regional/ Estadual e Local.

INSPIRAÇÕES

A análise de conjuntura é uma forma de elucidar as influências político e econômicas que orientam os acontecimentos em diferentes escalas. Assim, ajuda a contextualizar as discussões e decisões das organizações e movimentos sociais, para garantir que as decisões feitas sejam estratégicas e de acordo com os objetivos propostos. Normalmente, a análise de conjuntura é feita por apenas uma ou duas pessoas especialistas, que organizam e trazem os elementos econômicos e políticos considerando as diferentes escalas. Essa proposta busca horizontalizar esse processo de leitura do mundo.

TRABALHAMOS SEMPRE COM A DINÂMICA DE ANÚNCIO E DENÚNCIA, QUANDO O CLIMA FICA MUITO PESADO E FOCADO NAS DESGRAÇAS, ESTIMULE A LEMBRANÇAS DE INOVAÇÕES, PRÁTICAS INSPIRADORAS E DE RESISTÊNCIAS.

COMO FAZER

- 1 Antes de iniciar a atividade, o facilitador deverá solicitar ao grupo que, pelo menos duas pessoas, se voluntariem para ser o relator da atividade. As e os relatores deverão escrever de forma sucinta nas tarjetas (com uma ou duas palavras) o que for falado pelos participantes, dispondo as tarjetas de forma ordenada conforme a escala.
- 2 Com os participantes em roda, o facilitador irá estimular que sejam lembrados acontecimentos e notícias recentes que se relacionem com a escala Planetária, podendo ser relacionadas ao alinhamento dos planetas, à fase vigente da Lua, à ocorrências como chuva de meteoros, ao lançamento de novos satélites etc.
- 3 Após certo tempo, quando não houver mais manifestações, o facilitador deverá mudar a escala para Mundial, incentivando, novamente, que sejam lembrados acontecimentos e notícias recentes relativas a essa escala.
- 4 A dinâmica segue para as outras escalas: Continental, Nacional, Regional/Estadual e, por fim, Local. As tarjetas deverão ser presas ordenadamente em uma parede para que todos vejam. Se possível, usar tarjetas de cores específicas para cada escala.
- 5 Estimule visualizações coletivas de todo o material coletado, provoque complementações e faça conexões com essa leitura do mundo, destacando sua influência e impacto.



MATRIZ DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

PROPORCIONA O OLHAR COLETIVO SOBRE AS DIMENSÕES DE UMA EXPERIÊNCIA, ELENANDO TEMAS GERAIS E TEMAS TRANSVERSAIS PARA A VISUALIZAÇÃO E ANÁLISE REFLEXIVA E COMPARTILHADA DOS PROCESSOS.

Para o projeto de sistematização foi a principal ferramenta de organização das ideias e conteúdos. Vale lembrar que é um processo aberto, constantemente em construção e reformulação. Sendo assim, nunca estará completo ou encerrado, podendo ser ajustado à qualquer realidade, contexto e objetivo.

MATERIAIS

- Tarjetas de duas cores diferentes para montar - uma para os temas gerais e outra para os temas transversais;
- Caneta Pilot;
- Tarjetas de outras cores para os relatos sintéticos, que serão dispostos em seus lugares dentro da matriz;
- Fita crepe para colar as tarjetas na disposição de uma matriz.

SOBRE AS PESSOAS

Não há restrições sobre o número de participantes.

SOBRE OS ESPAÇOS

É fundamental a visualização coletiva das tarjetas que estruturam a matriz e às sínteses do grupo. Se não houver paredes, usem varais com papéis grandes de apoio às tarjetas.

FLUXOS E TEMPOS

É importante dedicar um tempo a atividade. Considerando todas suas etapas: apresentação (15 minutos), priorização de temas (40 minutos de acordo com o tamanho do grupo), trabalho em grupos (40 minutos) e socialização (1h30), a atividade percorre, no mínimo, 3 horas de duração. Se possível aproveite o momento de grupos para oferecer um lanche.

INSPIRAÇÕES/REFERÊNCIAS

- Sistematização da Experiência Participativa com Sistemas Agroflorestais. Tese UFV: http://orgprints.org/21837/1/Souza_Sistematizacao.pdf
- Matriz dos Núcleos de Agroecologia: aba-agroecologia.org.br/wordpress/projetos-e-acoes/matriz-de-sistematizacao-das-experiencias/

A MATRIZ NÃO É UM QUESTIONÁRIO.
ELA PODE SER PREENCHIDA NA ÍNTEGRA
OU TEMAS PODEM SER PRIORIZADOS.
AS PERGUNTAS SÃO IMPRESCINDÍVEIS,
POIS O ENCONTRO DE COLUNAS E
LINHAS PROVOCA REFLEXÕES LIVRES.

COMO CONSTRUI-LA

- 1 Para montar uma matriz é necessária a etapa de colheita coletiva dos temas gerais e transversais. O círculo de cultura, com o uso das tarjetas, é uma forma de chegar a esses temas de forma compartilhada. Cada um(a) elenca um tema, fala sobre ele, e ao final um debate para visualizar os possíveis agrupamentos. Uma rodada para os temas gerais e uma para os transversais. Feita a matriz, são muitas as possibilidades de uso, de acordo com a disponibilidade de tempo e de pessoas.
- 2 Após a construção dos temas gerais e transversais, o encontro de colunas e linhas estimula a construção de perguntas geradoras. Elas podem ser previamente construídas pelo grupo facilitador ou podem ser criadas na própria atividade, de acordo com o tempo disponível e o grau de aprofundamento que se deseja.
- 3 No caso do projeto, as perguntas formuladas passaram por momentos de revisões coletivas, onde diferentes grupos propuseram inclusões - de temas e perguntas - e a retirada de repetições.
- 4 Desse processo criou-se uma matriz de perguntas que deu origem à um caderno de apoio.

COMO EXERCITÁ-LA ENQUANTO FERRAMENTA DE SISTEMATIZAÇÃO

- 1 Nas oficinas de sistematização, começávamos o exercício apresentando a matriz, seu processo de construção coletiva e seus objetivos, enquanto ferramenta de organização das ideias e conteúdos.
- 2 A partir desse momento, convidamos as/os participantes a olharem para a matriz observando qual tema geral mais dialogava com a experiência analisada naquele momento.
- 3 Com círculos de cultura, cada participante partilhava qual foi o tema escolhido e o porque.
- 4 Após este momento, os participantes eram divididos em grupos, tendo as perguntas como disparadoras, conversavam sobre as reflexões, impressões e ideias.
- 5 Para apresentar o trabalho do grupo, as/os participantes são convidadas à sintetizarem cada encontro de linha e coluna em tarjetas.
- 6 Um grande painel é formado com as sínteses de todos os grupos.



CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Contação de Histórias - Construção coletiva de uma história através da improvisação com palavras-chave

SISTEMATIZAR EXPERIÊNCIAS É COSTURAR HISTÓRIAS: QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO

Estimular a capacidade de improvisação, de escuta e de construção coletiva de uma história. Cada participante recebe uma tarjeta com uma palavra-chave e cria um pedacinho de uma história a partir dela. Ao apresentarem suas histórias, os participantes exercitam a “costura” da narrativa juntando os elementos narrativos das histórias de quem já apresentou com a sua. O resultado é uma história coletiva maior com elementos que se sobressaem, ou seja, não é apenas a soma de cada pedacinho. Os sentidos da história construídos coletivamente através do improviso de cada um quase sempre surpreendem, provocando humor.

SOBRE AS PESSOAS

É interessante que pelo menos 6 pessoas interajam na metodologia, para estimular o exercício da junção de uma diversidade maior de elementos na narrativa. Caso haja menos pessoas, é possível distribuir mais de uma palavra por pessoa. Não há um número máximo, porém quanto mais gente, mais desafiadora a “junção” dos elementos. A escuta e a atenção devem ser reforçadas.

MATERIAIS

Tarjetas de papel e algo para escrever (lápiz, caneta, canetinha, etc.)

FLUXOS E TEMPOS

Sugere-se, no mínimo 2 minutos e, no máximo 5 minutos para cada um criar sua história a partir da palavra que recebeu. É bacana ser rapidinho para exercitar as habilidades de improvisar. O tempo de apresentação de cada um é livre, mas é importante deixar claro que o importante é juntar todas as histórias em uma só e não cada um contar uma longa história. Por isso quanto mais breve cada um for mais dinâmica fica a história.

SOBRE OS ESPAÇOS

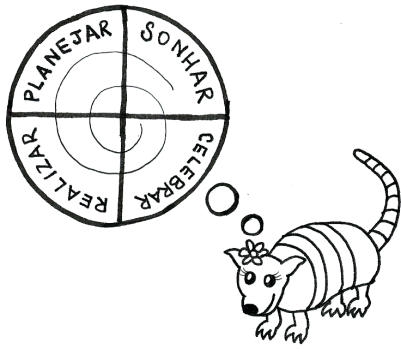
Que sejam confortáveis para as pessoas sentarem em roda. Seja em cadeiras, banquinhos, ou até mesmo no chão.

INSPIRAÇÕES

Inspirações: Aprendemos essa dinâmica com o Coletivo Macambira, do sertão de Alagoas, para elas e eles Sistematização é Arte! Saiba mais: <https://www.facebook.com/coletivomacambira/>

COMO FAZER

- 1 Reunir os participantes em roda.
- 2 Distribua entre os participantes pedaços de papel com palavras escritas previamente pelos facilitadores e facilitadoras (é importante que essas palavras tragam elementos místicos, referências locais e diversidade).
- 3 Distribuir uma tarjeta com uma palavra para cada participante.
- 4 Explicar os objetivos e os tempos.
- 5 Para apresentar recomenda-se estar em roda e seguir uma sequência em algum sentido (horário ou anti-horário).
- 6 Celebre a história criada e contada e abra uma prosa sobre história oral e memória coletiva.



METODOLOGIAS CHAVE

TATU SONHADORA

LIBERAR A SABEDORIA COLETIVA E PROMOVER A CAPACIDADE DE ADAPTAÇÃO E PLANEJAMENTO PERMITINDO A CONSTRUÇÃO DE PROPOSTAS INSPIRADORAS E CRIATIVAS. SEU OBJETIVO É TORNAR SONHOS COLETIVOS EM REALIDADE.

A Tatu Sonhadora é uma tradução abasileirada, sintética e experimental do método chamado de “Dragon Dreaming” uma tecnologia social desenvolvida e exercitada em várias partes do mundo nos últimos 20 anos. Seu objetivo é tornar sonhos coletivos em realidade. Nesta ficha, não vamos detalhar e falar sobre toda a riqueza de detalhes, histórias e cuidados necessários para o desenvolvimento do método, mas sim, fazer um convite para que você conheça, pesquise mais e experimente!

INSPIRAÇÕES

Nesse caso é fundamental que o grupo tenha contato com as referenciais originais da metodologia (leia sobre os dragões, é encantador). Dos vários guias e manuais que existem, este aqui tem as perguntas norteadoras e o detalhamento de cada fase.

GUIA PRÁTICO DRAGON DREAMING - Uma Introdução Sobre como Tornar seus Sonhos em Realidade Através do Amor em Ação
<https://infinitemarteacoes.files.wordpress.com/2016/04/guia-prc3a1tico-dragon-dreaming-v02.pdf>

MATERIAIS

- Tarjetas
- Post it
- Canetas ponta grossa (canetões)
- Cartões com os ciclos e eixos
- Flipchart ou cartolina (o papel grande que tiver)

FLUXOS E TEMPOS


O caminho de aprendizagem sugerido pela Tatu Sonhadora, nossa adaptação, é construída por quatro momentos: Sonhar, Planejar, Realizar e Celebrar. É encantadora a experiência de completar esse ciclo de planejamento e, coletivamente, exercitar todas as quatro etapas. Mas, se você tiver pouco tempo ou quiser adaptar as etapas à sua realidade, fique à vontade. São sempre possíveis e bem vindas essas criações. Sugere-se um período inteiro para a realização dessa metodologia, considerando de 3 a 4 horas.

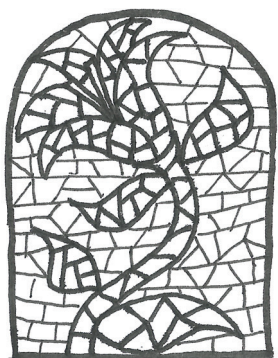
CONSEGUIMOS SONHAR, PLANEJAR, CONSTRUIR A TABELA E ATÉ CELEBRAR DURANTE UM PERÍODO DE ATIVIDADES. AS ETAPAS DE REALIZAR E CELEBRAR DEPENDERÃO DO SONHO E DAS ATIVIDADES PROPOSTAS, PODENDO, MUITAS VEZES, SER DEIXADAS PARA OUTROS MOMENTOS.

COMO FAZER

- 1 Comece preparando o ambiente, descrevendo as etapas no chão.
- 2 **A primeira etapa, envolve Do Sonhar ao Planejar:** comece o seu Círculo de Sonhos rodando uma vez a palavra no círculo, dando a todos a oportunidade de partilhar as suas ideias e sonhos. Se alguém não tem nada a dizer, pode passar a vez. Quando tiver terminado a rodada inicial provavelmente serão necessárias mais uma ou duas rodadas. O grupo deverá escolher um dos sonhos para aprofundar no planeamento.
- 3 **Na fase de Planejar ao Realizar:** o grupo identifica as ações, tarefas e demandas prioritárias para tornar o sonho realidade, distribuindo as pessoas pela afinidade com a ação e por seu perfil. Cada pessoa individualmente deverá pensar com profundidade sobre a ação e o quanto ela contribui para se chegar ao sonho. Uma vez que as ações tenham sido consideradas, o grupo se une novamente para refletir sobre a estratégia, que deverá unir e considerar todas as ações no tempo e de acordo com a etapa a que pertencem. Ao final desta etapa, o grupo deverá construir uma tabela semelhante a essa:

É BOM USAR UM 'BASTÃO DA FALA' PARA EVITAR QUE A PESSOA 'MAIS RÁPIDA' OU MAIS DOMINANTE SE SOBREPONHA EM RELAÇÃO ÀQUELES QUE LEVAM MAIS TEMPO PENSANDO.


- 4 **Do Realizar ao Celebrar:** Sem a fase da realização, esse método é apenas teoria. Nesta fase é importante não se esquecer do gerenciamento do seu projeto, onde algumas perguntas podem ajudar: Ainda estamos dentro do prazo? Nossos custos estão sendo cobertos? Precisamos adaptar o nosso planejamento? Que recursos temos? Como minimizamos os riscos? Ainda estamos realizando o sonho original ou estivemos tão ocupados que nos movemos cegamente para uma direção completamente nova? Estamos celebrando o suficiente? A tabela criada deverá ser reconsiderada sempre que for refletir sobre o andamento das ações.
- 5 **Celebrar e sonhar:** O ciclo se renova quando relembrarmos que a celebração diz respeito a expressar e oferecer gratidão e reconhecimento para as outras pessoas. É a importância da celebração que faz essa metodologia ser diferente de outras ferramentas de gerenciamento de projetos. A Celebração é um importante processo que reconecta o Realizar de um projeto de volta para Sonhar. É uma maneira de observar como o projeto que estamos realizando traz sentido para as nossas vidas. A Celebração é quando estamos sendo pessoais. Celebrar é reconhecer e expressar nossa profunda gratidão a cada um que contribuiu no nosso caminho.



METODOLOGIAS CHAVE

TEXTO COLETIVO

Exercitando a autoria coletiva

BUSCA EXERCITAR A PRODUÇÃO DE TEXTOS POR GRUPOS. ALÉM DO DESAFIO DE COLETIVIZAR A ESCRITA, ESSA METODOLOGIA ABARCA UM EXERCÍCIO DE BUSCA POR OUTRAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO PARA ALÉM DA ORALIDADE.

MATERIAIS

- Cartolinas/papel kraft/flipchart (a quantidade depende do número de grupos, uma para cada grupo);
- Canetas Pilot;
- Tarjetas para a comunicação entre as pessoas e para a redação do texto ‘em pedaços’;
- Fita crepe para colar as tarjetas no papel maior, quando não for possível passar a limpo antes do fim do tempo.

SOBRE AS PESSOAS

A diversidade das pessoas é importante, por isso é bom que os grupos sejam divididos aleatoriamente. Entre 4 e 10 pessoas.

SOBRE OS ESPAÇOS

Para que seja mais dinâmico, é bom que as pessoas estejam sentadas no chão com a folha grande ao meio. Um salão ou outro espaço aberto com superfície lisa é o que utilizamos nos exercícios já realizados.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

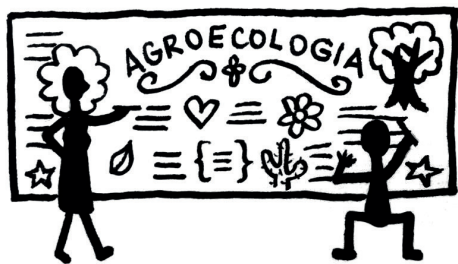
As percepções costumam girar em torno do desafio da comunicação sem o uso da fala e dos desafios para tornar coletivo o processo. O exercício é capaz de problematizar nosso modo de produzir textos e de demonstrar a viabilidade de outros caminhos.

FLUXOS E TEMPOS

A proposta do exercício está ligada ao processo de diálogo e escrita e, não necessariamente, em produtos “finalizados”. Todo o processo deve ser feito sem que as pessoas se comuniquem pela fala. É interessante deixar essa informação para logo antes do início da marcação do tempo de modo que as pessoas sejam impelidas à improvisar. O tempo para o exercício é em média 20 a 30 minutos, nos exercícios já realizados por nós, mas podendo ser mais curto ou mais longo a depender da situação em que se aplica.

COMO FAZER

- 1 Escreva nas cartolinas/papel kraft/flipchart qual tipo de texto o grupo vai escrever: texto para blog, texto para facebook, um resumo de artigo para congresso, etc.
- 2 Em alguns papéis já sugira alguns temas ligados ao contexto.
- 3 Divida as pessoas em grupos de 4 a 10 pessoas, cada uma com um papel com orientação para o texto.
- 4 Informe que o texto deverá ser feito sem que as pessoas se comuniquem pela fala, deixe tarjetas e canetas para a comunicação escrita.
- 5 Ao final do tempo, leiam juntos cada um dos textos e façam um debate sobre as percepções da atividade.



FACILITAÇÃO GRÁFICA

Síntese Visual das Ideias

O PENSAMENTO CAMINHA ENTRE CÍRCULOS, LINHAS, CURVAS E ESPIRAIS.
PERCORRE CORES, CONTRASTES, CONTORNOS E FORMAS DIFERENTES.

Representar e sintetizar nossas ideias a partir das representações gráficas compõe o que chamamos de Facilitação Gráfica. Mapear ideias, estimular a participação, registrar memórias de um encontro ou proporcionar uma visão global de determinado tema são funções da facilitação gráfica. A metáfora visual pode melhorar a aprendizagem e fortalecer a confiança e o comprometimento em equipe no alcance de objetivos. Para nós, mais do que uma ferramenta comunicativa, a facilitação é uma forma de potencializar o diálogo com a sociedade. Representa uma possibilidade de ampliar nossa capacidade de escuta aos agricultores, agricultoras e demais sujeitos, e, a partir dessa interação, construir caminhos nos quais o diálogo entre diferentes saberes possa ser reconhecido e visibilizado.

MATERIAIS

- Cartolinas, papel kraft e flipchart.
- Canetões, canetinhas e giz de cera.
- Fita crepe, para prender a cartolina na parede.
- Papel vegetal, se possível.
- Post-its ou tarjetas pequenas.

SOBRE O ESPAÇO

É importante que o painel esteja próximo ao lugar onde as conversas estão sendo feitas. Também é desejável que ele esteja em um lugar visível a todos, para que possam acompanhar a evolução do trabalho, o que fortalece o sentimento de representatividade das falas.

FLUXOS E TEMPOS

A facilitação gráfica deve ser uma atividade paralela às demais, uma vez que ela sintetiza os diálogos que estão sendo realizados pelo grupo.

COMO FAZER

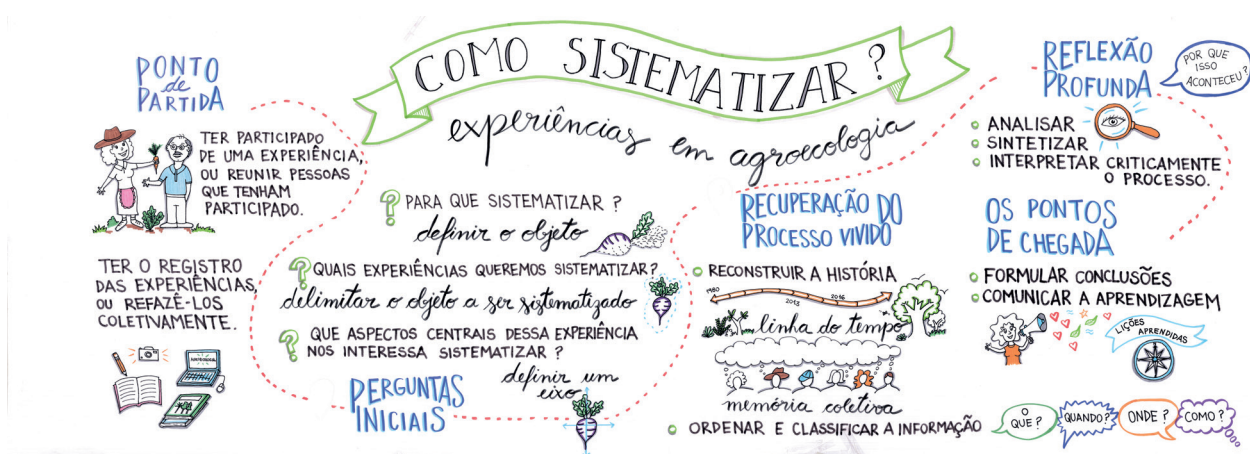
A facilitação gráfica é como um trabalho como uma relatoria, mas visual, utilizando ícones, imagem, diagramas, formas e outros recursos. Para fazer, é interessante que a pessoa goste e se interesse por desenhar. Com ajuda de outra pessoa, acompanhe os diálogos e busque destacar frases, ideias e comentários importantes que sintetizem o que está sendo discutido e apresentem a ideia geral da atividade. É importante buscar dividir o espaço do painel em categorias de discussão (ex. um espaço sobre o impacto de hidrelétricas em comunidades quilombolas, com frases da liderança presente no evento; outro espaço sobre a saúde do agricultor em relação ao uso de agrotóxicos, com dados apresentados por uma pesquisadora). Setas, caminhos tracejados e círculos podem ajudar a conectar ideias do que foi debatido. É importante refletir sobre desenhos que sintetizam ideias maiores: o que pode sintetizar a luta dos agricultores? Que elementos você usaria para desenhar uma roça? Ou representar uma pesquisa científica? Se tiver inseguro com algum desenho, procure na internet pelo celular ícones que podem representar o que você procura. Você também pode ter uma “cola”, com desenhos que você fez em casa com calma e copiá-los com papel vegetal no painel.

SOBRE AS PESSOAS

Colheitadores e Desenhadores são os alicerces desse trabalho. É importante que duas pessoas sejam destinadas ao trabalho da facilitação gráfica, pois ele envolve, não só a elaboração do painel, como a captação e sintetização das falas e ideias importantes da discussão, o que é muito


trabalho para uma pessoa só. Uma das pessoas escreverá em post-its ou tarjetas as principais falas e ideias, de forma sintética e colocará próximo a outra pessoa, que estará fazendo o painel e selecionando as melhores frases e ideias que serão desenhadas.

VEJAM UM EXEMPLO DO QUE É A FACILITAÇÃO GRÁFICA:





INS
PIRA
ÇÕES



Nessa caminhada pelo Brasil, pudemos perceber o quanto pulsa, inspira e mobiliza os processos disparados pelas Caravanas Agroecológicas e Culturais e pelas Instalações Artísticas-Pedagógicas. Elas deslocam, inovam e marcam profundamente a vida por onde passam. Por isso, pedimos licença para registrar algumas impressões sobre elas enquanto processo metodológico para ajudar quem deseja embarcar nessa caminhada.



INSTALAÇÕES ARTÍSTICO PEDAGÓGICAS

Ambientes Metodológicos de Troca e Integração de Saberes

“A GENTE NÃO GOSTAVA DE EXPLICAR AS IMAGENS PORQUE EXPLICAR AFASTA AS FALAS DA IMAGINAÇÃO” MANOEL DE BARROS

Proporciona uma experiência vivencial através da construção de um espaço artístico-educativo, onde a abordagem lúdica - construída a partir de elementos visuais, aromas, sabores, além de expressões artísticas de teatro, música e poesia - facilitam o diálogo de saberes e percepções sobre experiências vivenciadas. Uma forma dinâmica, rápida e simples que constroem cenários que estimulam ambientes de interação e interatividade, valorizando conteúdos produzidos coletivamente em diferentes momentos e rompem com a lógica exclusiva da oralidade.

MATERIAIS

Aqui relacionamos alguns materiais básicos. É necessário reforçar que a maioria dos materiais serão trazidos e/ou colhidos por quem estará construindo a instalação, sendo os mesmos inusitados e relacionados às experiências que se deseja proporcionar. Estimula-se sempre o uso de materiais da natureza, do ambiente e o uso criativo dos recursos disponíveis. **Sugerimos a montagem de uma mesa da partilha de materiais ou de um ateliê criativo, reunindo alguns materiais:**

- Fita crepe ou adesiva
- Cartazes, cartolinas e tarjetas
- Canetinhas, lápis de cor, giz de cera, canetões, aquarelas e outros
- Barbantes e cordas
- Elementos trazidos e/ou colhidos pelos proponentes

FLUXOS E TEMPOS

O tempo para realização dessa metodologia pode variar de acordo com o número de participantes e instalações que serão montadas. Sugere-se aproximadamente 1 hora para a construção da instalação e cerca de 2 horas para visitas e diálogos. No caso de espaços com mais de uma instalação, os visitantes deverão ser organizados em grupos. Após visitar uma instalação por, aproximadamente, 30 minutos, os participantes deverão rodar para visitar outra instalação, tendo o tempo controlado e sendo orientados pelo facilitador da metodologia, em uma dinâmica de carrossel. Sugere-se entre 4 e 5 instalações montadas para que esse rodízio seja proveitoso.

SOBRE AS PESSOAS

Sugere-se um número aproximado de 20 pessoas visitando as instalações.

SOBRE OS ESPAÇOS

É importante que os espaços para as instalações sejam amplos e possibilitem o trânsito das pessoas entre os elementos.

SOLO, INSTRUMENTOS RELIGIOSOS, ESPIRITUAIS, POESIAS, DEPOIMENTOS, FOTOS

INSPIRAÇÕES

As instalações artísticas surgem como expressão do movimento artístico que discute: o que é arte? Essa inspiração foi retomada como instrumento pedagógico que retrata a vida e o cotidiano dos trabalhadores, provocando reflexão acerca das suas condições de vida e de trabalho, muito utilizada por movimentos sociais e sindicatos. No movimento agroecológico elas passam a ser utilizadas no contexto de mobilização para o III ENA - Encontro Nacional de Agroecologia, realizado em 2014 em Juazeiro (BA), compondo sua programação e sendo centrais no processo de discussão e reflexão sobre os territórios. Desde então as instalações ainda são bastante utilizadas para apresentação e exposição das experiências visitadas por meio das Caravanas Agroecológicas e Culturais como momentos de encontros e partilha das rotas. Elas foram acionadas no II Seminário Nacional de Educação em Agroecologia como dispositivos pedagógicos das Rodas de Diálogo (ver vídeos abaixo) estimulando um novo jeito de fazer ciência, com sensibilidade e emoção.

INSPIRAÇÕES

- O que são Instalações Artístico-pedagógicas? - Irene Cardoso fala para o CTA-ZM: <https://www.youtube.com/watch?v=7fZPOJRHOBM>
- Instalações Artístico-pedagógicas! A experiência do Comboio Agroecológico Sudeste: <https://www.youtube.com/watch?v=fhDBJn9EEs>
- II SNEA - Segundo dia “Instalações Pedagógicas, um novo jeito de fazer ciência”: <https://youtu.be/ki2GWkfnXo?list=PLBODrIpGc8odXeAIr8fJ5liir-GPS16sFq>
- Trabalho de Conclusão de Curso: Instalações Pedagógicas: Experimentos de um conceito em construção (Mayara Alvim - Curso de Dança da UFV) <https://drive.google.com/open?id=OB9EzSgUAhq-ZwanZpcVZHOTHkM2s>

APESAR DE PODER SER FEITA APENAS UMA, É INTERESSANTE QUE HAJA ALGUMAS INSTALAÇÕES PARA POSSIBILITAR A TROCA E A VISITA A MAIS DE UMA INSTALAÇÃO.



INSTALAÇÕES ARTÍSTICO PEDAGÓGICAS

Ambientes Metodológicos de Troca e Integração de Saberes

A REALIZAÇÃO EM TRÊS MOMENTOS:

A realização em três momentos: As instalações são frutos de processos vivenciados coletivamente. Ela começa no momento em que uma vivência (Caravana, Encontro, Romaria, Visita, Oficina e outras atividades) tem início! Ao longo de sua trajetória, o facilitador ou facilitadora estimula que objetos e demais registros sejam coletados e reunidos.

Construção da Instalação: o ambiente relacional, plural e criativo

A construção da instalação é um processo coletivo mediado pelas percepções individuais sobre a experiência vivenciada por um grupo de pessoas.

- 1 Para isso, é necessário, em um primeiro momento, identificar as principais percepções/sentimentos que se deseja expressar através das instalações. Para isso, o círculo de cultura nos ajuda, permitindo que cada participante priorize uma ideia e um objeto o qual deseja destacar nessa construção.
- 2 O segundo passo é relacionar os elementos destacados que expressem as conexões entre essas percepções/sentimentos. A escolha dos elementos, o seu arranjo e interação, serão fruto da criatividade dos proponentes, o importante é que tragam em sua simbologia algo que remeta à experiência.
- 3 Também podem compor a instalação poemas, trilha sonora musical, instrumentos musicais, pequenas representações teatrais e outras intervenções que instiguem e provoquem a reflexão dos participantes.

- 4 A forma e dimensão da instalação ficam a cargo do grupo que está montando, esse arranjo no espaço deve permitir a interação dos participantes.
- 5 Não deixe de pensar em formas de acolhida dos grupos.

Acolhimentos e visitas:

O carrossel de experiências e o percurso dos saberes

- 6 As visitas são facilitadas por animadores (de preferência um homem e uma mulher, pelo menos um deles jovem), que ficam o tempo todo na Instalação.
- 7 Cada grupo visita e acolhe o outro em rodadas de 30 a 40 minutos até que todos tenham percorrido todas as experiências. Em alguns casos, se forem muitas Instalações, define-se 2 ou 3 experiências que serão intercambiadas, de modo que cada grupo possa vivenciar uma amostra do todo.
- 8 No momento em que os visitantes chegarem na instalação, deixe que os mesmos interajam com os elementos dispostos, os observem e toquem. A vivência do espaço da instalação e das provocações feitas deve ser incentivada, sempre que possível, sem ter interferência dos proponentes.
- 9 Após a visita, em círculo, as pessoas podem compartilhar suas emoções, percepções e destaques. Se necessário e possível, mobilize tarjetas e faça, novamente, um círculo de cultura.
- 10 Finalizando o tempo de acolhida e visita, os cuidadores do tempo anunciam a mudança do grupo e a continuidade do percurso em novos grupos.

Socialização das reflexões:

Sínteses das percepções

11 Após a vivência da instalação, é interessante realizar uma socialização geral das sensações e reflexões dos participantes. Faça uma roda e instigue o diálogo com os visitantes, buscando captar quais elementos tocaram mais, quais foram incompreendidos, quais mensagens foram captadas e quais reflexões foram feitas ao longo da vivência. O que foi comum e diferente em cada visita e acolhida?

12 Novamente, é importante garantir a expressão dos visitantes, evitando a “explicação” da instalação pelos proponentes.

13 Ao final da roda de diálogo, os proponentes podem buscar sintetizar as impressões dos visitantes e manifestar alguma intenção com os elementos expostos que podem não ter sido reconhecidas pelos visitantes, mas que são importantes para apreensão geral da instalação e reconhecimento da experiência.

14 Se possível registre as sínteses em painéis coletivos que ficam visíveis. As facilitações gráficas são ótimos recursos pedagógicos e comunicativos nesses momentos.

15 Exercite estratégias para relatar as vivências, anuncie as emoções, compartilhe os aprendizados!





CARAVANAS AGROECOLÓGICAS E CULTURAIS

VIVÊNCIAS E VÍNCULOS: INTERCÂMBIOS E OLHARES SOBRE OS TERRITÓRIOS

O objetivo inicial das Caravanas é mobilizar os atores locais, contribuir para uma leitura integradora da realidade de cada território, fortalecer as práticas agroecológicas e denunciar as ameaças para seu fortalecimento. As Caravanas Agroecológicas e Culturais possibilitam a imersão e investigação coletiva dos territórios, garantindo diferentes olhares e perspectivas. Elas fomentam a troca de experiências entre diversos participantes, contribuindo para o reconhecimento de saberes, o intercâmbio multi e transdisciplinar, fortalecendo vínculos.

TRÊS DIMENSÕES PRINCIPAIS

- Intercâmbio - entre agricultores/as, técnicos/as, pesquisadoras/es e estudantes partilharem experiências
- Olhares Integrados sobre os territórios - Anúncios e Denúncias
- Interações Culturais - modos de vida e ser de cada local

POR QUE CARAVANAS AGROECOLÓGICAS E CULTURAIS?

A CULTURA É UMA DIMENSÃO FUNDAMENTAL DA AGROECOLOGIA, ALIMENTADA PELOS MODOS DE VIDA E IMAGINÁRIO POPULAR, SUAS REZAS, FESTEJOS, MÚSICAS, DANÇAS, MODO DE CULTIVAR A TERRA, SEMENTES, ALIMENTOS... DURANTE A CARAVANA A CULTURA DEVE SER TRATADA COMO EIXO TRANSVERSAL, DESTACANDO OS ELEMENTOS QUE A COMPÕE, SUA DIVERSIDADE E FORMAS DE EXPRESSÃO, PARA ALÉM DAS APRESENTAÇÕES MUSICAIS.

MATERIAIS

- Transporte, acomodação e alimentação para os participantes.
- Cadernos de campo e canetas para distribuir aos participantes para que façam anotações, desenhos, registros de suas reflexões e sistematização das discussões relacionadas às questões geradoras.
- Câmeras fotográficas, celulares ou filmadoras para registro audiovisual.
- Folheto com orientações e perguntas geradoras para distribuir aos participantes.

FLUXOS E TEMPOS

A duração da Caravana é dependente dos seus objetivos, tamanho do território, distâncias percorridas e números de experiências a serem visitadas. Consideramos que o essencial é garantir que haja uma imersão nas experiências, que não seja feita só uma “passagem” pelo local. Sugerimos um tempo máximo de 5 dias para a sua realização, evitando que o cansaço e o esgotamento comprometam a vivência e o processo de reflexão, além de garantir a participação de agricultores que não podem ficar muitos dias distantes dos seus afazeres.

EQUACIONAR TEMPOS DE VIAGEM

É IMPORTANTE PLANEJAR COM CARINHO AS DISTÂNCIAS A SEREM PERCORRIDAS ENTRE AS EXPERIÊNCIAS VISITADAS E O TEMPO DE REALIZAÇÃO DAS VISITAS, BUSCANDO EVITAR ATRASOS E NÃO COMPROMETER A VIVÊNCIA.

TROCAS DURANTE O PROCESSO

OS PARTICIPANTES PODEM SER ESTIMULADOS A LEVAR MATERIAIS PARA TROCA DURANTE AS VISITAS, COMO SEMENTES, FOLHETOS, ARTESANATOS ENTRE OUTROS. INSTRUMENTOS MUSICAIS, POESIAS E TEXTOS TAMBÉM SÃO BEM VINDOS AO LONGO DA VIVÊNCIA.

PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO POPULAR – POR QUE INTERESSA À SOCIEDADE APOIAR A AGROECOLOGIA?

ALÉM DE CRIAR UM AMBIENTE FECUNDO PARA A REFLEXÃO, AS CARAVANAS OPORTUNIZARAM, A MOBILIZAÇÃO DE COMUNICADORES E COMUNICADORAS LOCAIS E REGIONAIS, PARA ALÉM DA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DE COMUNICAÇÃO VOLTADOS PARA A DIVULGAÇÃO DAS EVIDÊNCIAS SISTEMATIZADAS E DOS DEBATES PARA AMPLOS SEGMENTOS DA SOCIEDADE, ESSES COLETIVOS DESTACAM À COMUNICAÇÃO COMO UM DIREITO E OS AGRICULTORES E AGRICULTORAS COMO SUJEITOS NA PRODUÇÃO DE PROCESSOS COMUNICATIVOS.

INSPIRAÇÕES

As caravanas territoriais surgem no contexto da agroecologia durante a mobilização para o III ENA - Encontro Nacional de Agroecologia, realizado em 2014 em Juazeiro - BA. É importante lembrar que durante o Encontro Nacional de Diálogos e Convergências, realizado em 2011, em Salvador (BA), que o movimento agroecológico, em diálogo com outros movimentos com horizontes políticos semelhantes, incorporou o conceito de “território como unidade de análise” para uma leitura mais completa e integrada dos agroecossistemas e das experiências agroecológicas concretas o que aproximou as escolhas metodológicas do movimento agroecológico das iniciativas historicamente construídas pelos movimentos populares, entre os quais, destacam-se as ações eclesiais de base da igreja católica, que tem como um dos seus princípios, as Romarias da Terra, as procissões e outras expressões nas quais as Caravanas se inspiram.



CARAVANAS AGROECOLÓGICAS E CULTURAIS

COMO FAZER

Cada Caravana é única, construída a partir da realidade e elementos locais, aqui destacamos alguns caminhos e princípios gerais para a sua construção. A Caravana se constitui enquanto processo, logo tentaremos sintetizá-lo em três momentos:

1 Articulação e definição dos objetivos

Identificação e articulação das experiências: um dos princípios da caravana é a imersão no território através das visitas às experiências que o compõem e representam. O território deve decidir coletivamente o eixo temático que será explorado durante a Caravana, facilitando a identificação e definição das experiências que serão visitadas.

Definição das questões geradoras: estas auxiliam no processo de análise e reflexão da realidade vivenciada, mediando os diálogos durante a viagem. Podem ser criadas previamente para orientar as investigações e os olhares ao longo da vivência e . também podem ser criadas pelos próprios participantes, em um processo de reflexão prévia sobre seu próprio processo de investigação.

Preenchimento das vagas: É importante equacionar o número de vagas buscando fortalecer as diversidades de territórios, de gênero, de geração, de etnias e de saberes, buscando trazer novos olhares e visões de mundo não hegemônicas. A idéia é que o processo da caravana promova um comboio, onde, a cada parada, somam-se novos participantes, e que, a cada parada, representantes das experiências ingressem à viagem.

2 A viagem ou comboio

Para garantir as visitas é necessário organizar os meios de transporte (vans, carros, ônibus, barcos) que consigam garantir acesso às experiências e acolher os participantes de cada rota. Em cada rota é necessário estruturar pontos de apoio, para pouso e alimentação, o que pode ser articulado com as experiências. Confira, ao final, elementos importantes para o percurso das rotas.

REFLEXÕES DIÁRIAS

APÓS CADA VISITA, É IMPORTANTE POSSIBILITAR A REFLEXÃO DIÁRIA DOS PARTICIPANTES, PODENDO SER FOMENTADO UM CÍRCULO DE CULTURA PARA TROCA DE PERCEPÇÕES E REFLEXÕES OU UMA REFLEXÃO INDIVIDUAL SOBRE A EXPERIÊNCIA, COM BASE NAS PERGUNTAS GERADORAS.

3 Culminância

Socialização das reflexões e aprendizados: no momento em que todas as rotas se encontram é recomendado que seja realizada a socialização das reflexões, sensações e sentimentos acumulados ao longo das vivências, sobretudo, caso haja rotas que percorram caminhos diferentes. Nesse momento é importante lançar mão de metodologias que estimulem a construção participativa, em nossas experiências esse espaço é conduzido por meio das Instalações Pedagógicas (ver ficha).

Os Seminários de agroecologia: espaço de formação e reflexão sobre os processos da agroecologia no contexto de construção da Caravana, apresentando os acúmulos das experiências, seus anúncios e resistências, conduzido com apoio de uma facilitadora ou facilitador, com contextualização dos temas e intervenções da plenária. Para este momento convida-se os grupos e organizações que construíram a Caravana, pode-se priorizar temas e questões emergentes, elegidas pelo território. Atenta-se para o fato de construir rodas de conversa que valorizem as e os agricultores garantindo o diálogo de saberes.


Diálogo com a sociedade ou ato público: momento em que se levanta a bandeira da agroecologia, o caráter e formato do ato devem ser pensados em acordo com a realidade do local e tema a ser explorado. O importante é que seja um processo de construção participativa, envolvendo os participantes da Caravana, por meio de equipes de trabalho, como: comunicação, segurança, diálogo, animação. É importante exercitar diferentes linguagens para o diálogo com a sociedade, explorando a criatividade, a potencialidade artística pedagógica e outras formas de expressão.

PARA SABER MAIS

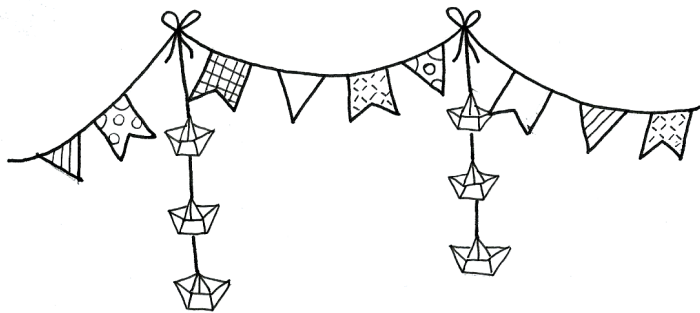
- Histórico e Registro da Articulação Nacional de Agroecologia (III ENA):
<http://enagroecologia.org.br/historico/>
- Vídeos das Caravanas Agroecológicas e Culturais - Comboio Sudeste:
<https://www.youtube.com/channel/UCyiL58NlgD-JcTzTiPatuPCg>

The background is a solid purple color. It is decorated with white line-art illustrations of various flowers and leaves. The flowers have multiple layers of petals, and the leaves are large and pointed with serrated edges. The illustrations are scattered across the page, creating a floral pattern.

MO
MEN
TOS



Todo processo de diálogo é preenchido por momentos únicos, onde os participantes são convidados a se aproximar no espaço e contar brevemente sua trajetória. Há momentos também em que o corpo pede uma esticada para desanuviar a mente e deixar fluir os pensamentos para que novas ideias nos preencham. A seguir, algumas sugestões de práticas para tornar esses momentos um tanto especiais.



MOMENTOS > ACOLHIDA

ESPAÇOS EDUCADORES

Ambiente educador

ALÉM DE ACONCHEGANTES, COM AS ORNAMENTAÇÕES, OS ESPAÇOS PASSAM A COMPARTILHAR SABERES E VALORIZAR AS DIFERENTES VOZES ALI PRESENTES

Acolher, contextualizar e disponibilizar os saberes que foram e serão construídos. A montagem dos Espaços Educadores, proporciona aos participantes de uma atividade, para além do aconchego, a contextualização sobre a qual a atividade é realizada trazendo um pouco da realidade da vida das pessoas ou do contexto da atividade através dos elementos dispostos no espaço.

CUIDAR DO ESPAÇO É TAMBÉM PENSAR NA ENERGIA E NA HARMONIZAÇÃO DO ESPAÇO. ÁGUA E FLORES SÃO ELEMENTOS VIVOS SEMPRE BEM VINDOS. DISPONIBILIZAR ÓLEOS ESSENCIAIS PARA ACALMAR OU ANIMAR OS PARTICIPANTES É OUTRA EXPERIÊNCIA MUITO PRAZEROSA. E LEMBRE-SE SEMPRE DE DEIXAR O ESPAÇO MELHOR DO QUE QUANDO VOCÊ CHEGOU. ASSISTA O VÍDEO: [HTTPS://YOUTU.BE/XNMPINRBU](https://youtu.be/xnmpinrBU), NELE O MAURICIO NOS CONTA MAIS SOBRE OS ESPAÇOS EDUCADORES.

MATERIAIS

Para montagem de um espaço educador é importante reunir materiais que dialoguem com a atividade que será realizada e com a diversidade de saberes das pessoas que estarão presentes. Não deixe de ter em mãos fita crepe, barbante, pregadores, tecido de chita, flores e outros elementos que também tornem o espaço aconchegante.

COMO FAZER

- 1 Organize as cadeiras em círculo.
- 2 Distribua, no centro do espaço, elementos relacionado com a atividade e materiais que serão utilizados.
- 3 Monte varais com fotos, textos, cartazes, imagens.
- 4 Aproveite também as paredes, além de fotos e cartazes, distribua por elas a programação da atividade, os acordos coletivos.
- 5 Harmonize o ambiente com incensos ou essências.

FLUXOS E TEMPOS

Não deixe para última hora! É importante que, quando todos os participantes chegarem, o espaço já esteja organizado. Assim, reserve pelo menos 1h antes da atividade se iniciar e, com calma e carinho, realize a montagem.

SOBRE AS PESSOAS

Não há número mínimo ou máximo. A quantidade de pessoas vai influenciar somente na quantidade de elementos que irão compor o Espaço Educador.

SOBRE OS ESPAÇOS

É sempre bom pensar em espaços que as pessoas se sintam confortáveis, ambientes muito escuros ou com muito sol, com muito barulho nas proximidades, podem incomodar. A disposição das cadeiras em círculo, proporciona que todos ali presentes possam se ver e também interagir com os elementos dispostos pelo espaço.

INSPIRAÇÕES

MATAREZI, José. ESTRUTURAS E ESPAÇOS EDUCADORES: Quando espaços e estruturas se tornam educadores. In: FERRARO-JUNIOR, L. A. Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: MMA, 2005. v. 1

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

Faz toda a diferença esse cuidado prévio. É fundamental pedir, com antecedência, que as pessoas também tragam elementos, instrumentos musicais, solo, sementes, fotos e outros objetos e símbolos que as representem.



MOMENTOS > APRESENTAÇÃO

ESPELHO DA ALMA

Apresentação das e dos
participantes por meio de desenho

ESTABELECE CONTATO, APRESENTA OS E AS PARTICIPANTES ATRAVÉS DA MOBILIZAÇÃO DO IMAGINÁRIO, DO LÚDICO, DO ARTÍSTICO; IDENTIFICA CARACTERÍSTICAS MARCANTES NA PERSONALIDADE A PARTIR DAS IMAGENS PROJETADAS; MOMENTO DE REFLEXÃO QUE PODE PROVOCAR AUTOCONHECIMENTO E APROXIMAÇÃO DO GRUPO

MATERIAIS

- **Para desenhar:** Papel A4 de cor clara (papelões pequenos e escuros podem dificultar. Podem ser rascunhos, utilizando-se o verso)
- **Para colorir:** o que tiver - lápis de cor, tinta (de terra?), tesoura, cola, sementes, folhas, canetinhas e outros. Mas, se tiver, só caneta ou lápis, também acontece!

FLUXOS E TEMPOS

- **Para desenhar:** Sugere-se, no mínimo, 10 minutos e, no máximo, 20 minutos (se não dispersa)
- **Para apresentar:** Livre, mas recomenda-se alertar o grupo quanto à objetividade (para não desmobilizar a atenção coletiva do grupo)

SOBRE AS PESSOAS

Não há número mínimo ou máximo.
Grupos grandes: recomenda-se a socialização de alguns desenhos, mas sugere-se que todos possam ser fixados em painéis que possibilitem o contato e a visualização coletiva (colocar o nome e identificação da pessoa - grupo, organização da qual faz parte, se possível).
Grupos Pequenos: Pode acontecer com mais tempo e com novas rodadas, onde os participantes inserem novos elementos, textos, colagens e outras interações.

SOBRE OS ESPAÇOS

Que sejam acolhedores e permitam o apoio do papel em uma superfície lisa, podem ser cadernos, pranchetas, mesas e outros. Sugere-se ofertar os materiais em cestas ou sobre tecidos coloridos no centro do espaço para uso compartilhado.

INSPIRAÇÕES

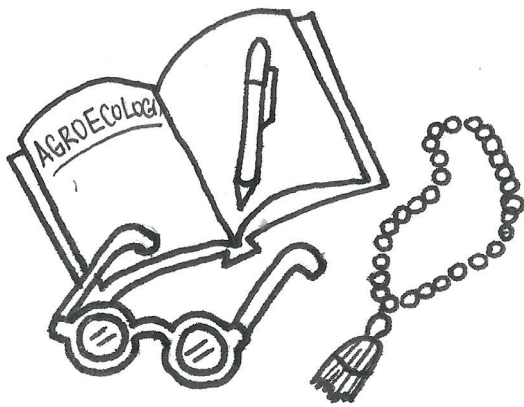
FAGAN, J. e SHEPHERD, I. L. (1980). Gestalt-Terapia: Teoria, Técnicas e aplicações. 4. ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

“Eu não sei desenhar!” - Ótima deixa para discutir que a educação e a ciência convencional, separa e, muitas vezes, não reconhece o lúdico e o artístico como saber válido, infantilizando e inferiorizando formas de expressão que acionam outras linguagens que não seja a escrita.

COMO FAZER

- 1 Distribuir 1 papel à cada participante.
- 2 Explicar o objetivo e os tempos,.
- 3 Ofertar materiais no centro do espaço.
- 4 Orientar a elaboração do desenho em silêncio.
- 5 Fazer a rodada de apresentação.
- 6 Fixar desenhos em painéis.



MOMENTOS > APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO POR OBJETOS

Apresentação por Objetos - Afetos e Histórias

A APRESENTAÇÃO POR OBJETOS BUSCA APROFUNDAR A APRESENTAÇÃO INICIAL, TENDO COMO MOTE ALGUM OBJETO QUE CADA UM CARREGA CONSIGO. COMO AS PESSOAS NÃO SE PREPARAM PARA ISSO, O IMPROVISO É UM PONTO FORTE DA METODOLOGIA, ESCOLHER UM OBJETO QUALQUER E A PARTIR DELE FALAR UM POUCO MAIS DE SI.

MATERIAIS

- Objetos disponíveis no espaço e improvisol!

FLUXOS E TEMPOS

A duração da atividade varia de acordo com o número de pessoas e com a imersão de cada grupo na proposta. Em alguns casos, as pessoas se sentem à vontade para compartilhar histórias com mais profundidade e isso influencia no tempo da apresentação. A depender do tempo que tiverem disponível, orientem logo no início que sejam falas não tão longas.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

A dinâmica quase sempre vem carregada de emoções. Ao final, muitos se surpreendem com a sensibilidade e profundidade alcançada a partir de objetos. Quando anunciamos sobre o objeto, muitos ficam apreensivos porque “não trouxeram nada”, mas acabam encontrando algo simples por perto que ajuda a contar um pouco mais.

INSPIRAÇÕES

Quem nos ensinou foram as militantes da Marcha Mundial das Mulheres durante a Caravana de São Paulo (maio de 2016), depois disso, não paramos mais de usar.

COMO FAZER

- 1 Peça que as pessoas se organizem em uma roda.
- 2 Oriente para que cada um diga o nome, de onde vem, o que faz e que escolha um objeto que tem consigo ou que esteja disponível no espaço.
- 3 Cada um explica porque escolheu o objeto, contando mais um pouco sobre si.

SOBRE AS PESSOAS

Nas experiências que tivemos, o número de pessoas variava entre 30 e 50 pessoas em média. Pode ser feita com qualquer número de pessoas, tendo como limitador o tempo disponível para a atividade.

SOBRE OS ESPAÇOS

É interessante ser feita em um lugar aberto, em que seja possível fazer uma roda com todos os participantes, de forma que todos se vejam.



MOMENTOS > PRA LEVANTAR

BIODIVERSIDADE SE MANTÉM EM PÉ

Monocultura não para em pé

EXERCITAR A CONFIANÇA NO COLETIVO E REFLETIR SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS DIVERSIDADES (BIODIVERSIDADE E OUTRAS FORMAS DE DIVERSIDADE) NA SUSTENTAÇÃO DOS PROCESSOS.

ESCOLHER ÁRVORES NATIVAS DE CADA REGIÃO DEIXA A DINÂMICA MAIS INTERESSANTE E CONTEXTUALIZADA AOS PARTICIPANTES.

MATERIAIS

Para fazer essa dinâmica acontecer, são necessários apenas pequenos pedaços de papel e uma caneta. O número de papéis deve ser o mesmo número de pessoas participantes.

FLUXOS E TEMPOS

De 5 a 10 minutos, a depender do número de pessoas.

SOBRE AS PESSOAS

- O número mínimo de pessoas: 06. Neste caso, utilizando três árvores, além da espécie padrão.
- Não há número máximo, sendo que, quanto maior o número, maior a diversidade de árvores que podem ser incluídas.

SOBRE OS ESPAÇOS

Sugere-se espaços abertos e, se possível, gramados.

INSPIRAÇÕES

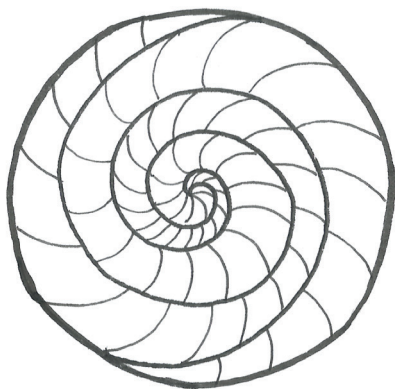
Essa dinâmica nos foi apresentada e incorporada a partir do diálogo com o NEPerma um Núcleo de Agroecologia e Permacultura da UFSC, em Santa Catarina.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

“Monocultura não para em pé” - Reflexão sobre a importância, resiliência e força que a diversidade aporta às construções.

COMO FAZER

- 1 Escreva na parte de cima de todos os papéis o nome de uma mesma árvore, sugere-se que seja uma árvore normalmente utilizada em monocultura, como eucalipto.
- 2 Na parte de baixo do papel, escreva nomes de árvores nativas, frutíferas ou a que desejar. Coloque as árvores repetidas, de forma que tenha, no mínimo, duas pessoas com o mesmo nome.
- 3 Embaralhe os papéis.
- 4 Em círculo, entregue um papel, com os dois nomes das árvores escritos, para cada pessoa, que não deve mostrar para ninguém.
- 5 Cada pessoa precisa memorizar o que está escrito no papel.
- 6 As pessoas devem cruzar seus braços com quem estiver ao lado, unindo o círculo, criando elos.
- 7 A facilitadora chama um nome de árvore nativa e/ou frutífera por vez, quem tiver a árvore em seu papel deve tirar os dois pés do chão e se sustentar na força do grupo.
- 8 Após todas as nativas, deve-se falar o nome da árvore de “monocultura”, como o eucalipto. Como este nome está escrito em todos os papéis, o grupo inteiro cai no chão.



MOMENTOS > PRA LEVANTAR

BOLA

Segura a Bola! Quem lembra do Nome?

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DE UMA FORMA IMAGINÁRIA E A MANIPULAÇÃO DESTES OBJETOS LÚDICOS CONCEBIDOS PELO GRUPO PERMITE O EXERCÍCIO DE MEMORIZAÇÃO DOS NOMES DAS PESSOAS PRESENTES, ALÉM DE CONCENTRAÇÃO E DINAMIZAÇÃO COLETIVA.

MATERIAIS

É necessária apenas uma boa dose de concentração e imaginação, para a fluidez desta atividade.

FLUXOS E TEMPOS

O tempo de duração está vinculado ao número de pessoas na roda. Para um número de, aproximadamente, 20 pessoas, cerca de 10 minutos seriam suficientes.

SOBRE AS PESSOAS

Não há número mínimo ou máximo. O tamanho do grupo vai influenciar no tempo dedicado à atividade. Pode ser mais fluido fazer em um grupo de, no máximo, 50 pessoas.

SOBRE OS ESPAÇOS

Lugares agradáveis, amplos e perto da natureza, podem ser as melhores opções. Mas a principal necessidade é que sejam espaços que permitam a organização das/os participantes em círculo e o conforto destas/es. Lugares com muito barulho podem atrapalhar a escuta das pessoas na roda.

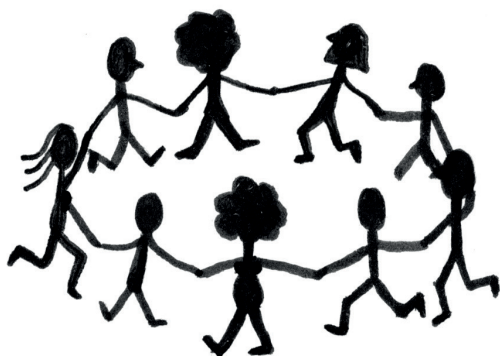
SE NECESSÁRIO, FAÇA UMA RÁPIDA RODADA ONDE CADA UM FALA SEU NOME ANTES DA BOLA COMEÇAR A CIRCULAR.

COMO FAZER

- 1 O grupo se organiza em pé e em círculo.
- 2 A facilitadora da atividade introduz a dinâmica narrando a existência de uma grande bola imaginária que ela sustenta com as duas mãos esticadas para o centro da roda.
- 3 A primeira função do grupo é definir coletivamente uma cor para esta grande bola, para que todos possam, ludicamente, ver de forma semelhante este “objeto”.
- 4 Em seguida, a dinâmica segue com a bola sendo jogada para outra/o participante. A grande questão é: para jogar a bola para um/a companheiro/a, é preciso olhar nos olhos desta pessoa e dizer o seu nome. Quanto mais tempo uma pessoa demora para lembrar um nome e lançar a bola, mais pesada ela fica!
- 5 A dinâmica se encerra quando todas as pessoas já receberam a bola e jogaram para outro componente do grupo.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

Não lembro o nome de ninguém? O que isso nos diz sobre nossa presença, envolvimento e escuta coletiva?



MOMENTOS > PRA LEVANTAR

DANÇA CIRCULAR

Ciranda e danças circulares
A inspiração na sabedoria dos povos

ÓTIMO INSTRUMENTO PARA DESANUVIAR DE DISCUSSÕES PESADAS E CRIAR UM SENSO DE UNIÃO NO GRUPO, FORTALECENDO OS LAÇOS AFETIVOS ENTRE OS PARTICIPANTES E FACILITANDO TRABALHOS CONJUNTOS.

A dança nos ajuda a sintonizar com nosso corpo, com os outros e com o ambiente onde estamos. O principal enfoque não é a técnica e sim o sentimento de união de grupo, o espírito comunitário que se instala a partir do momento em que todos, de mãos dadas, apoiam e auxiliam os companheiros.

FLUXOS E TEMPOS

De 5 a 10 minutos, a depender da animação e envolvimento das pessoas participantes.

SOBRE OS ESPAÇOS

Sugere-se espaços abertos e, se possível, gramados.

INSPIRAÇÕES

Essa metodologia é muito antiga e acompanha o desenvolvimento dos povos desde a antiguidade. Muitas das informações que estão aqui vieram do site <http://www.dancacircular.com.br/> onde há mais informações para se aprofundar.

MATERIAIS

Para a dança circular, será preciso uma caixa de som com alguma música, de preferência uma ciranda. Se possível, tenha instrumentos musicais e pessoas fazendo a música ao vivo, pois isso enriquece a experiência e possibilita que todos cantem juntos as músicas e partir de suas próprias vozes e evocações.

SOBRE AS PESSOAS

Experimentar as músicas, os gestos, os ritmos e os passos dos diversos povos, apoiando e sendo apoiado pela roda, faz com que os dançantes entrem quase que imediatamente em um campo novo de aprendizagem, inspirador e desafiador, conectando as pessoas de forma harmoniosa. É também um convite para conhecer, através do ritmo, melodia e movimentos, a expressão de outra cultura, com seus gestos, posturas e história. Naturalmente, o simples ato de dançar junto aproxima fronteiras, estimulando os integrantes da roda a respeitar, aceitar e honrar as diversidades.

COMO FAZER

A dinâmica das Cirandas e Danças Circulares é simples.

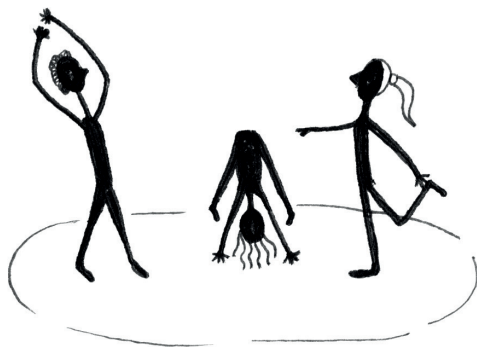
- 1 Primeiramente, é interessante checar com o grupo quem conhece alguma dança circular ou cirandas. Muitas vezes, há músicos populares no grupo que sabem conduzir muito bem essas danças, ensinando, inclusive, passos mais complexos.
- 2 Ensina-se o passo, treina-se em roda, depois dança-se a música e aos poucos as pessoas começam a internalizar os movimentos e liberar a mente e o corpo.
- 3 As danças podem ser simples e de fácil aprendizado, não tendo necessidade de experiência anterior para participar desses círculos. Sugerimos cirandas por serem mais simples para dançar e mais difundidas entre as pessoas

ALGUMAS MÚSICAS QUE SUGERIMOS SÃO:

COMO PODE O PEIXO VIVO
VIVER FORA DA ÁGUA FRIA
COMO PODE O PEIXE VIVO
VIVER FORA DA ÁGUA FRIA
COMO PODEREI VIVER
COMO PODEREI VIVER
SEM A TUA, SEM A TUA
SEM A TUA COMPANHIA
SEM A TUA, SEM A TUA
SEM A TUA COMPANHIA

MINHA JANGADA VAI SAIR PRO MAR
VOU TRABALHAR, MEU BEM QUERER
SE DEUS QUISER QUANDO EU VOLTAR DO MAR
UM PEIXE BOM EU VOU TRAZER
MEUS COMPANHEIROS TAMBÉM VÃO VOLTAR
E A DEUS DO CÉU VAMOS AGRADECER
ADEUS, ADEUS
PESCADOR NÃO ESQUEÇA DE MIM
VOU REZAR PRA TER BOM TEMPO, MEU NÊGO
PRA NÃO TER TEMPO RUIM
VOU FAZER SUA CAMINHA MACIA
PERFUMADA COM ALECRIM

ESSA CIRANDA NÃO É MINHA SÓ
É DE TODOS NÓS
A MELODIA PRINCIPAL QUEM TIRA
É A PRIMEIRA VOZ
PRA SE DANÇAR CIRANDA
JUNTAMOS MÃO COM MÃO
FAZENDO UMA RODA
CANTANDO ESSA CANÇÃO



MOMENTOS > PRA LEVANTAR

ALONGAMENTO

Alongamento coletivo - despertar o corpo e conectar a mente

PARA COMEÇAR UM DIA DE TRABALHO COLETIVO OU DE UMA ETAPA DE ATIVIDADES, É MUITO IMPORTANTE QUE ESTEJAMOS COM O CORPO DESPERTO, CONFORTÁVEL E PREPARADO.

Para além de uma preparação corporal muscular, os alongamentos também contribuem para a percepção e cuidado com a nossa respiração. Despertar o corpo e conectar a mente coletivamente, nos sintoniza com a energia do grupo, possibilitando uma melhor integração e fluidez para os trabalhos que seguem, com a leveza e serenidade desejada.

MATERIAIS

Para este momento acontecer, muito pouco é preciso. Essencialmente, é necessário um bocado de disposição e um bom sorriso no rosto para começar.

FLUXOS E TEMPOS

Não há um tempo determinado de duração para o alongamento coletivo. No entanto, sugerimos que este se dê entre 15 e 30 minutos, a depender do tempo disponível e do número de pessoas presentes, no caso de se optar pela dinâmica coletiva proposta dos mo(vi)mentos.

SOBRE OS ESPAÇOS

Espaços amplos, abertos, à sombra de árvores e gramados, podem ser as melhores opções. Mas não se preocupe, outros espaços que permitam a organização das pessoas em círculos e o conforto destas, também estão valendo!

SOBRE AS PESSOAS

Não há número mínimo e máximo de pessoas. No caso de um grupo grande (com mais de 20-25 pessoas), a dinâmica em que cada um/a propõe um movimento pode ficar alongada. Neste caso, uma pessoa ou um número menor de pessoas que se sintam à vontade para tal, podem indicar os movimentos.

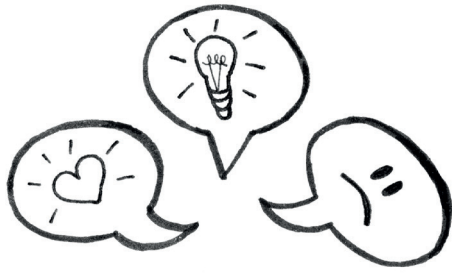
COMO FAZER

COLOCAR UMA MÚSICA AMBIENTE NESTA HORA PODE SER UMA BOA PEDIDA!

Em círculo, os alongamentos e exercícios de respiração podem ser guiados por uma única pessoa ou coletivamente, quando cada pessoa presente propõe um movimento. Existem três pontos de atenção que merecem cuidado especial:

- 1 Estar em roda faz toda a diferença! A conexão flui melhor quando as pessoas presentes podem se olhar.
- 2 É preciso perceber os limites do corpo. Cada um/a tem limites particulares, de flexibilidade, entre outros, e respeitar o seu limite é respeitar-se a si próprio.
- 3 Atenção com a respiração. Cuidar e sentir o ar que entra e sai do nosso corpo é fundamental.

QUE TAL TERMINAR ESSE MOMENTO ALONGANDO O CORAÇÃO COM ABRAÇOS?



MOMENTOS > AVALIAÇÃO

QUE BOM, QUE PENA, QUE TAL

OS OBJETIVOS DESSA METODOLOGIA SÃO POSSIBILITAR A AVALIAÇÃO DE ATIVIDADES, PROCESSOS E ESPAÇOS DE DIÁLOGO, INCENTIVANDO O RECONHECIMENTO DAS QUALIDADES, DOS DEFEITOS E DAS PROPOSTAS PARA MELHORIA. A ATIVIDADE PERMITE QUE SEJA FEITA TANTO UMA AUTO-AVALIAÇÃO QUANTO UMA AVALIAÇÃO MAIS AMPLA E LIVRE DA ATIVIDADE COMO UM TODO.

MATERIAIS

Nenhum material específico é necessário para a realização dessa atividade, podendo ser feita em uma roda de conversa. É possível também sugerir a prática da metodologia anonimamente, em que os participantes escrevem suas avaliações em papéis diferentes e colocam dentro de envelopes.

INSPIRAÇÕES

A metodologia se inspira nas propostas de avaliação permanente do pedagogo francês Celestin Freinet, que acreditava que o processo de avaliação deveria ser presente em todo o processo pedagógico. Da mesma forma, o educador brasileiro Paulo Freire é grande inspiração para os processos participativos de avaliação por meio da sua Pedagogia da Autonomia, incentivando sempre a auto-avaliação.

FLUXOS E TEMPOS

Para a realização dessa atividade, é sugerido um tempo entre 20 a 30 minutos de duração, dependendo do número de participantes.

SOBRE AS PESSOAS

É difícil para as pessoas avaliarem com sinceridade uma atividade na presença do facilitador ou do organizador. Para garantir a qualidade da metodologia, como todo processo avaliativo, é importante criar um ambiente de escuta atenta, reflexão e auto-avaliação pelos participantes. Todos devem se sentir à vontade para expor seus sentimentos e avaliações de forma aberta e sincera, sem haver julgamentos ou questionamentos. Esse cuidado deve ser garantido pelo facilitador, podendo comprometer a qualidade da atividade caso não seja carinhosamente observado.

COMO FAZER

Sugere-se que os participantes estejam dispostos em um círculo. É importante que o processo avaliativo, iniciado pelo facilitador, tenha um momento de fala contínua, sem interrupções, onde exercitamos a escuta ativa e atenta com todas as pessoas do grupo. Os participantes devem ser estimulados a fazer uma avaliação da atividade, processo ou espaço de diálogo orientados pelas afirmações:

QUE BOM...

QUE PENA....

QUE TAL...

As avaliações devem necessariamente contemplar um elogio, uma crítica e uma sugestão, podendo haver mais de uma manifestação em cada categoria. A avaliação pode ser feita em ordem cronológica em círculo ou de forma espontânea, conforme a preferência do grupo e do facilitador. Caso haja preferência por um processo anônimo, as pessoas podem fazer a avaliação individual em um papel e colocá-las em um envelope para cada categoria, sendo depois lidas em voz alta pelo facilitador para todo coletivo.

AO INVÉS DAS PERGUNTAS QUE BOM, QUE PENA, QUE TAL, VOCÊ TAMBÉM PODE UTILIZAR AS CATEGORIAS EU FELICITO, EU CRITICO, EU PERGUNTO, EU SUGIRO.



MOMENTOS > AVALIAÇÃO

CABEÇA, CORAÇÃO, MÃOS E PÉS

Sentimentos e Caminhos

VISUALIZANDO E COMPARTILHANDO SENTIMENTOS E CAMINHOS

Essa metodologia nos permite entender as percepções individuais e, ao mesmo tempo, pensarmos juntos os próximos passos em coletivo, entendendo as contribuições, possibilidades e percepções de cada participante.

Na tarjeta referente à cabeça, registarmos os aprendizados que tivemos, enquanto indivíduos, no coração escrevemos o que sentimos durante a atividade, nas mãos colocamos, a forma que vamos, como indivíduos, colocar em prática aquilo que aprendemos e, nos pés, apontamos os próximos passos que observamos para o coletivo.

MATERIAIS

Tarjetas de papel, preferencialmente de quatro cores diferentes, e pincéis atômicos.

UM JEITO FÁCIL DE FAZER TARJETAS É DIVIDIR A FOLHA A4 AO MEIO, NA HORIZONTAL.

FLUXOS E TEMPOS

O tempo de realização desta metodologia depende muito do número de participantes da atividade, aconselhamos que seja reservado pelo menos meia hora para um grupo de 30 pessoas em média.

SOBRE OS ESPAÇOS

Uma dica é montar o painel em uma parede, assim todos colam suas tarjetas e também fica fácil acompanhar a leitura coletiva.

SOBRE AS PESSOAS

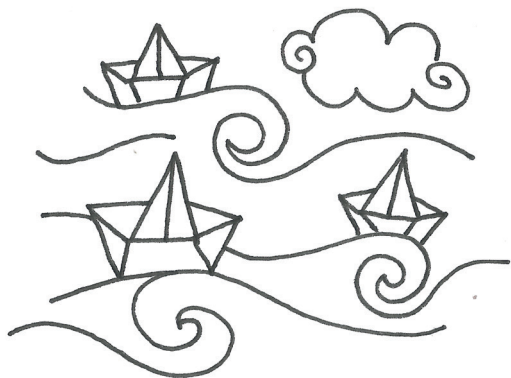
É importante que todos estejam em silêncio durante a escrita das tarjetas.

COMO FAZER

- 1 Distribuir quatro tarjetas, uma tarjeta de cada cor, para cada participante.
- 2 Explicar como os participantes irão relatar seus sentimentos nas tarjetas.
- 3 Montar um painel, para que os participantes possam agrupar as tarjetas de mesma cor, nos seus respectivos grupos, a cabeça, o coração, as mãos e os pés.
- 4 Realizar a leitura coletiva do painel montado.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

Essa metodologia nos ajuda a entender, de forma muito rápida, os aprendizados e próximos passos do coletivo.



MOMENTOS > AVALIAÇÃO

BARQUINHOS

Navegando nos Aprendizados

OLHAR PARA NOSSOS APRENDIZADOS E REFLETIR SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES VIVENCIADAS, TANTO EM RELAÇÃO AOS SABERES QUANTO NO CONVÍVIO.

MATERIAIS

Cartolina, para fazer um barquinho de papel grande e papel cortado em quadradinhos, de duas cores, preferencialmente.

VOCÊ PODE SUBSTITUIR O BARCO GRANDE, POR BARQUINHOS PEQUENOS, DISTRIBUINDO UM PARA CADA PARTICIPANTE.

FLUXOS E TEMPOS

O tempo de realização depende do número de participantes da atividade, aconselhamos que seja reservado pelo menos meia hora para um grupo de 30 pessoas, recomenda-se pedir que os participantes sejam objetivos em suas falas. No entanto, como é um momento de avaliação, é importante que as pessoas tenham tempo para expressar seus olhares e sentimentos.

SOBRE AS PESSOAS

Não se tem um número máximo de participantes, mas é interessante que todos estejam sentados em círculo, assim todos podem se ver e ouvir. Os participantes devem estar relaxados e de coração aberto, uma dica é provocar para que todos respirem fundo, de olhos fechados, ou façam algum tipo de meditação, antes de começar.

SOBRE OS ESPAÇOS

O espaço deve ser acolhedor, calmo e harmônico, deixe uma música de fundo tranquila tocando.

COMO FAZER

- 1 Faça um barquinho de papel usando a cartolina inteira.
- 2 Coloque o barquinho de papel no centro do espaço.
- 3 Distribua os papeizinhos, dois por participante.
- 4 Em um dos papéis os participantes vão escrever “o que eu vou levar” isto é, os aprendizados com o processo e em outro papel se escreve o que “deixarei para trás”, os desafios pessoais que queremos superar.
- 5 Cada participante se levanta, colocando o papel com “o que irá levar” no barquinho e rasgando o papel com o que “deixamos para trás”.

PERCEPÇÕES DAS E DOS PARTICIPANTES

Normalmente esse é um momento que os participantes olham para os desafios pessoais que desejam superar e expõem, com carinho, as transformações que o convívio durante a atividade provocaram na sua forma de pensar ou se relacionar.

SISTEMATIZAR É MERGULHAR EM RIOS DE HISTÓRIAS

Sistematizar é mergulhar em rios de múltiplas histórias. Nessa ciranda de práticas, o fazer dos Núcleos de Agroecologia, dentro e fora das instituições de ensino, pesquisa e extensão, foi o fio que teceu os processos de sistematização de experiências animados pela ABA-Agroecologia nos últimos dois anos pelas cinco regiões do Brasil.

Essas experiências deságuam no mar de inúmeras práticas agroecológicas construídas pela resistência de muitas agricultoras e agricultores. Para reunir a memória desse processo e garantir o registro e a partilha das lições aprendidas durante essa caminhada temos a felicidade de dividir com vocês o Caderno de Metodologias, com as nossas inspirações, experimentações e práticas na construção do conhecimento agroecológico.

Partilhar os aprendizados é compromisso na sistematização de experiências! Mais do que uma etapa que conclui um ciclo de atividades, anunciar os desafios, partilhar as colheitas e as trajetórias são princípios pedagógicos e políticos que dão sentido ao trabalho feito por tantas mãos.

Sistematização envolve surpresas, presentes e poesia. Tem desafios, dores, despedidas, sombras e luzes. Esperamos que a partilha dessas metodologias fortaleçam a agroecologia enquanto ciência, movimento e prática, e, sobretudo, possam recheiar e fortalecer o repertório de ação, no campo e na cidade, das educadoras e educadores populares espalhados por todos os cantos do Brasil.

Estimulamos que quem encontrar esse caderno possa brincar com as combinações de metodologias e construir processos genuínos nos territórios de acordo com suas demandas, vozes e culturas. Como sementes que encontram a terra, estas atividades são potenciais frutificadores de reflexões e ações muito além da nossa expectativa.

Ousem, criem, organizem a esperança e construam a resistência!

Em tempos difíceis, é preciso esperar. Como nos lembra Paulo Freire, “é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”.

E contando e recontando a história do nosso povo é que construiremos uma nova sociedade justa, igualitária e agroecológica para todos e todas!

Nati, Pati e André <3

AGRADECIMENTOS: "A VIDA É UMA ETERNA MOCHILA NAS COSTAS!"

Não teria como terminar esse caderno sem agradecer...

À Pati e ao André, amigos de longa estrada, parceiros e inspirações dessa caminhada da vida, grata por toparem mais essa invenção de última hora.

À Yolanda, Rodrigo, Luisa e Titi, pela paciência, pela dedicação, compromisso e disposição em construir improvisos, refazer planejamentos, dividir desafios e passar todos esses meses juntos. Ao total, só em 2017, foram mais de 21 paradas diferentes e 103 dias de viagens, muitos deles consecutivos, longe de casa.

À Irene, Cris, Viginia e à toda diretoria da ABA-Agroecologia, pela confiança e pelos aprendizados.

À todas e todos companheiros do Mídia Crioula e do Comboio Sudeste que estiveram conosco durante as oficinas e ainda toparam escrever conosco várias dessas fichas.

À Muriel e Bernardo, pelo colorido e criatividade de sempre, no caderno, nos processos da vida e na agroecologia.

À todas as pessoas dentro de cada Núcleo ou Rede de NEA, pela acolhida, pela coragem e pelo trabalho inspirador que dá sentido à todo esforço feito ao longo desses dois anos!

Foi a caminhada, com a mochila cheia de ideias coloridas, pelo Brasil que permitiu que todas essas fichas metodológicas pudessem se tornar prática e ferramenta de diálogo, denúncia e anúncio.





associação brasileira de
agroecologia